



*Rosa Roberts*

O AZUL  
DA BAÍA

*Tradução de Carla Ferraz*



CHÁ DA CINCO  
Livros com sexto sentido



TÍTULO: *O Azul da Baía*

AUTORIA: *Nora Roberts*

EDITORIA: *Maria João Costa*

*Esta edição © 2008 Edições Chá das Cinco Lda.*

*Título original Chesapeake Blue © 2002 Nora Roberts.*

*Publicado originalmente nos EUA por G. P. Putnam's Sons 2002*

TRADUÇÃO: *Carla Ferraz*

REVISÃO: *Idalina Morgado*

COMPOSIÇÃO: *Chá das Cinco, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Chá das Cinco*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Rolo & Filhos II S.A.*

1ª EDIÇÃO: *Abril, 2008*

ISBN: *978-989-8032-33-1*

DEPÓSITO LEGAL: *??????/08*

*Chá das Cinco é uma marca registada das Edições Saída de Emergência*

*Av. da República, 861, Bloco D, 1º Dtº, 2775-274 Parede, Portugal*

TEL E FAX: *214 583 770*

WWW.CHADASCINCO.COM

A todos os leitores que perguntaram  
*Quando é que vais contar a história de Seth?*

*Existe um destino que faz de nós irmãos;  
Ninguém caminha sozinho:  
Tudo o que acrescentamos à vida de alguém  
Reflecte-se na nossa.*  
EDWIN MARKHAM

*A arte é cúmplice do amor.*  
RÉMY DE GOURMONT

Regressava a casa.

A Costa Leste de Maryland era um mundo de pântanos e lodaçais, de campos abertos, de campos cultivados, alinhados como um exército. Era os rios de leito raso e curvas apertadas, ancoradouros secretos descobertos pelas marés, onde garças-reais buscavam alimento.

Era os caranguejos azuis e a Baía, e os pescadores que daí tiravam o seu sustento.

Por mais sítios onde tivesse vivido, na primeira década miserável da sua vida, ou nos últimos anos, ao ver aproximar-se a terceira década, só na Costa se sentia em casa.

Havia uma quantidade de motivos, de memórias dessa casa, e cada um deles estava tão claro e brilhante na sua mente como o Sol que reluzia sobre as águas de Chesapeake.

Ao conduzir pela ponte, o seu olho de artista queria captar o momento — a água de um azul forte e os barcos que deslizavam sobre ela, as rápidas ondas brancas e o mergulho das ávidas gaivotas. Como a margem contornava o seu leito, marcando a paisagem de castanhos e verdes. Todas aquelas folhas grossas das árvores-da-borracha e dos carvalhos, disparando raios de cor que mais pareciam flores deleitando-se no calor da Primavera.

Queria lembrar-se daquele momento, tal como se lembrava da primeira vez que atravessara a Baía para a Costa Leste, um rapazinho acanhado e assustado ao lado de um homem que lhe prometera uma vida.

Sentara-se no lugar do passageiro, com o homem que mal conhecia ao volante. Levava a roupa que tinha no corpo e os seus escassos pertences num saco de papel.

O seu estômago ia apertado dos nervos, mas conseguira pôr no rosto uma expressão que achara revelar aborrecimento, de olhar perdido pela janela do carro.

Se estava com o velhote, pelo menos não estava com *ela*. Parecia-lhe um belo negócio.

Além disso, o velhote até era porreiro.

Não tresandava a álcool, nem às pastilhas de mentol que as bestas que

Gloria costumava levar para a espelunca mascavam, para disfarçar o cheiro. E das poucas vezes que estiveram juntos, o velhote, Ray, havia-lhe comprado um hambúrguer ou uma pizza.

E havia conversado com ele.

Pela experiência que tinha, os adultos não conversavam com miúdos. Para eles, perto deles, sobre eles, sim. Mas não com eles.

Ray conversava. E também ouvia. E quando lhe havia perguntado, sem quaisquer rodeios, se ele — que não passava de um miúdo — queria viver com ele, não sentiu aquele medo avassalador nem o fogo do pânico. Sentiu-se como se conseguisse mesmo agarrar aquela oportunidade.

Para longe dela. Essa era a melhor parte. Quanto mais o carro se afastava, mais longe ficava dela.

Se as coisas se comesçassem a complicar, podia fugir. O tipo era mesmo velho. Grande, grande como o caraças, mas velho. Cheio de cabelos brancos, e aquele rosto largo e enrugado.

Olhava-o de soslaio, e começava a desenhar o seu rosto mentalmente.

Tinha os olhos muito azuis, o que era bastante estranho, porque os dele também eram.

E a sua voz era sonante, mas quando falava, não gritava nem nada. Ostentava uma certa calma, quem sabe até um ligeiro cansaço.

E como parecia cansado agora.

— Estamos quase em casa, — disse Ray, ao aproximarem-se da ponte. — Tens fome?

— Não sei. Acho que sim.

— Pelo que sei, os miúdos têm sempre fome. Criei três poços sem fundo.

Sentia alegria naquela voz imensa, mas via que era forçada. Podia ter apenas dez anos, mas conhecia o tom da falsidade.

Já estava longe de tudo, pensava. Se tivesse de fugir. Por isso, decidiu pôr as cartas na mesa e ver a merda do resultado.

— Porque é que me levas para tua casa?

— Porque precisas de uma.

— Vai passear. As pessoas não fazem merdas dessas.

— Algumas fazem. Eu e a minha mulher, Stella, fizemos umas merdas dessas.

— Disseste-lhe que vou para lá?

Ray sorriu, mas com uma certa tristeza. — À minha maneira. Ela morreu há algum tempo. Havias de gostar dela. E sei que assim que olhasse para ti, ia arregaçar as mangas.

Não sabia o que responder àquilo. — O que é que devo fazer, quando chegarmos ao sítio para onde vamos?

— Vive, — respondeu Ray. — Sê um miúdo. Vai à escola, mete-te em alhadas. Vou ensinar-te a velejar.

— Num barco?

Agora Ray ria-se, numa gargalhada sonora que preenchia o carro e, por motivos que o rapaz não conseguia entender, desatava os nós que trazia no estômago. — Sim, num barco. Tenho um cachorrinho desmiolado — calham-me sempre esses — que quero educar fora de casa. Podias ajudar-me nisso. Vamos atribuir-te tarefas, depois falamos sobre isso. Nós ditamos as regras, e tu segue-las. Não penses que só porque sou velho, podes fazer de mim o que quiseres.

— Deste-lhe dinheiro.

Por instantes, Ray desviou o olhar da estrada e penetrou naqueles olhos azuis como os seus. — Tens razão. É a única linguagem que ela conhece, pelo que pude perceber. Ela nunca te percebeu, pois não, rapaz?

Algo se aglomerava dentro dele, uma tempestade que não reconhecia como esperança. — Se ficares danado comigo, ou farto de me ter por perto, ou se mudares de ideias, mandas-me de volta. Mas eu não volto para lá.

Agora estavam a atravessar a ponte, e Ray encostou o carro na bermada da estrada, mudando o cinto de posição para poder olhá-lo de frente. — Vou ficar danado contigo e, na minha idade, sei que me vou fartar uma vez ou outra. Mas vou prometer-te uma coisa, aqui e agora. Dou-te a minha palavra. Não te vou mandar de volta.

— Se ela...

— Não deixo que ela te leve, — disse Ray, em antecipação. — Farei o que for preciso. Agora és meu. Agora és da minha família. E ficas comigo, desde que seja essa a tua vontade. Quando um Quinn faz uma promessa, — acrescentou, estendendo a mão, — cumpre-a.

Seth olhava para a mão estendida e sentiu a dele humedecer. — Não gosto que me toquem.

Ray acenou. — Ok. Mas mesmo assim, tens a minha palavra. — Voltou à estrada, lançando ao rapaz um último olhar. — Estamos quase em casa, — disse novamente.

Num espaço de meses, Ray Quinn morrera, mas cumprira a palavra. Havia-a cumprido aos três homens que tornara seus filhos. Esses homens deram uma vida àquele rapaz carrancudo, desconfiado e assustado.

Deram-lhe um lar, e fizeram dele um homem.

Cameron, o cigano impaciente e temperamental; Ethan, o marinheiro paciente e calmo; Phillip, o executivo elegante e perspicaz. Apoiaram-no, lutaram por ele. Salvaram-no.

Os seus irmãos.

A luz dourada do Sol de fim de tarde brilhava nas ervas do pântano, nos lodaçais, nos campos lisos de culturas enfileiradas. Com as janelas abertas, conseguia sentir o perfume da água ao passar pela pequena vila de São Cristóvão.

Pensou em entrar na cidade, dirigindo-se primeiro para o velho estaleiro de tijolo. A Barcos dos Quinn ainda construía barcos de madeira por encomenda, e nos dezoito anos desde a abertura da empresa — sustentada num sonho, perseverança e suor — ganhara fama de qualidade e trabalho artesanal.

Eles deviam estar por lá, agora mesmo. Cam a praguejar, enquanto acabava algum trabalho minucioso na cabina. Ethan discretamente a carregar pranchas de madeira. Phil, fechado no escritório a magiciar alguma campanha publicitária engenhosa.

Podia ir ao Crawford's, comprar uma palete de cerveja. Talvez tivessem alguma já fresca, ou era provável que Cam lhe atirasse com um martelo e o mandasse de imediato para o trabalho.

Ia gostar muito, mas não era isso que o movia agora. Não era o que incitava pela estreita estrada de campo fora, onde o pântano ainda espreitava das sombras e as árvores com os troncos retorcidos ostentavam as lustrosas folhas de Maio.

De todos os locais que vira, — as grandes cúpulas e espirais de Florença, a beleza floral de Paris, as espantosas colinas verdes da Irlanda, — nada lhe dava um nó na garganta e lhe inundava o coração como a velha casa branca, em tons de azul suaves e desmaiados, repousada sobre o relvado irregular que se inclinava na direcção das águas calmas.

Estacionou na entrada, atrás do velho *Vette* branco, que pertencera a Ray e a Stella Quinn. O carro, tão cuidado como no dia em que as suas rodas saíram do *stand*. Cuidados de Cam, pensou. Cam diria que era uma forma de mostrar o devido respeito por uma máquina excepcional. Mas na verdade, a culpa era de Ray e Stella, a culpa era da família. A culpa era do amor.

Os lilases no quintal da frente estavam todos em flor. Também eles tinham tudo a ver com amor, reflectiu. Havia oferecido a Anna aquele caneteiro no dia da Mãe, quando tinha doze anos.

Ela chorou, recordava. Aqueles olhos castanhos, enormes e lindos cheios de lágrimas, rindo e furtando-se para eles, enquanto os plantava com a ajuda de Cam.

Era mulher de Cam, o que fazia de Anna sua irmã. Mas bem lá no fundo, pensava agora, onde importava mais, ela era a sua mãe.

Os Quinn sabiam bem o que mais importava.



Saiu do carro para o adorável sossego. Já não era o rapazinho magriçela, com pés enormes e olhar desconfiado.

Crescera na proporção dos pés. Tinha agora um metro e oitenta e cinco e uma constituição robusta. Se não se cuidasse, podia revelar-se desajeitada. O cabelo escurecera e ostentava agora um castanho mais acobreado, diferente da esfregona arenosa da sua meninice. Também não lhe prestava o devido cuidado e, ao passar agora a mão por ele, vacilou ao lembrar-se da intenção de o cortar antes de partir de Roma.

Já sabia que eles lhe iam atazanar o juízo por causa do rabo-de-cavalo, o que significava que o ia manter por algum tempo, só para contrariar.

Encolheu os ombros e, enfiando as mãos nos bolsos dos *jeans* gastos, começou a caminhar, perscrutando a área circundante. As flores de Anna, as cadeiras de balouço no alpendre da frente, o bosque que assombrava a parte lateral da casa, e onde correria livre quando era pequeno.

O velho ancoradouro a balouçar na água e a pequena corveta de velas brancas atracada a ele.

Deixou-se ficar a olhar, o seu rosto, de faces encovadas e bronzeadas, na direcção da água.

Os lábios, firmes e cheios, começavam a desenhar uma curva. O peso que não sabia carregar no coração começou a erguer-se.

Ao ouvir uma ligeira agitação no bosque, virou-se, revelando ainda no homem o rapazinho medroso, ao assumir uma posição defensiva. Das árvores disparou uma bala negra.

— Tonto! — A sua voz carregava um tom de autoridade e humor fácil. A combinação obrigou o cão a parar, as orelhas caídas e a língua pendurada, ao estudar o homem à sua frente.

— Então, não passou assim tanto tempo. — Agachou-se, estendendo a mão. — Lembras-te de mim?

Tonto mostrou o esgar aparvalhado que o baptizara, deitando-se de imediato no chão, e rolando para expor a barriga, que queria que ele coçasse.

— Assim está melhor. Isso mesmo.

Sempre houvera um cão naquela casa. Sempre um barco no ancoradouro, uma cadeira de balouço no alpendre e um cão no pátio.

— Sim, lembras-te de mim. — Ao afagar Tonto, olhou para a outra ponta do pátio, onde Anna plantara uma hortênsia sobre a campa do seu cão. O leal e adorado Tolinho.

— Sou o Seth, — murmurou. — Estive longe tempo de mais.

Ouviu um motor a trabalhar, o chiar de pneus numa curva apertada, desafiando a velocidade permitida por lei. Assim que se ergueu, o cão levantou-se e correu na direcção da frente da casa.

Na ânsia de apreciar o momento, Seth seguia mais atrás. Ouviu a porta do carro a bater, e depois, o tom agudo da voz dela ao falar para o cão.

Em seguida, limitou-se a olhar para ela, Anna Spinelli Quinn, com o volume encaracolado de cabelo negro despenteado do passeio de carro, os braços cheios de sacos que tirara do carro.

O seu sorriso alargou-se, ao ver que ela tentava repelir o afecto desperado do cão.

— Quantas vezes temos de insistir nesta regra tão simples? — Indagou ela. — Não se salta para cima das pessoas, em especial para cima de mim. Ainda mais quando estou de fato.

— Belo fato, — gritou Seth. — Mas prefiro as pernas.

Ela espetou a cabeça, os olhos castanhos muito abertos, revelando-lhe o choque, o prazer, as boas-vindas, tudo num só olhar.

— Oh, meu Deus! — Sem pensar no conteúdo, atirou com os sacos pela porta aberta do carro. E desatou a correr.

Ele pegou-lhe, levantou-a a quinze centímetros do chão e desatou às voltas, antes de a pousar novamente. Ainda assim, não a soltou. Em vez disso, limitou-se a enterrar o rosto no cabelo dela.

— Olá.

— Seth. Seth. — Repetia, ignorando o cão que saltava e latia, fazendo os possíveis por enfiar o focinho entre os dois. — Nem acredito. Estás aqui.

— Não chores.

— Já passa. Deixa-me olhar para ti. — Emoldurou-lhe o rosto nas mãos e recuou. *Tão bonito*, pensava. *Tão crescido*. — Olha só para isto, — murmurou ela, ao passar-lhe a mão pelo cabelo.

— Queria tê-lo cortado um bocado.

— Eu gosto. — Ao sorrir, ainda sentia as lágrimas a correr. — Tem um ar boémio. Estás fantástico. Absolutamente fantástico.

— És a mulher mais linda do mundo.

— Oh, rapaz. — Fungou, abanando a cabeça. — Assim nunca mais paro de chorar. — Limpava as lágrimas. — Quando é que chegaste? Pensei que estavas em Roma.

— Estava. Apeteceu-me voltar.

— Se tivesses avisado, tínhamos ido buscar-te.

— Queria fazer uma surpresa. — Dirigiu-se para o carro para levar os sacos. — O Cam está no estaleiro?

— Deve estar. Dá cá, eu levo isso. Tens de ir buscar as tuas coisas.

— Trato disso depois. Onde estão o Kevin e o Jake?

Ela acompanhava-o pelo carreiro, dando uma olhadela ao relógio assim que pensou nos filhos. — Que dia é hoje? Ainda tenho a cabeça a andar à roda.

— Quinta-feira.

— Ah, o Kevin tem ensaio, uma peça da escola, e o Jake tem treino de *softball*. O Kevin já tem carta de condução, Deus nos acuda, e vai buscar o irmão a caminho de casa. — Abriu a porta principal. — Devem chegar dentro de uma hora, e depois acaba-se o sossego nesta terra.

Não mudara nada, pensava Seth. Não importava de que cor as paredes estavam pintadas, ou se o velho sofá tinha sido substituído, se havia um candeeiro novo em cima da mesa. Não mudara nada porque *sentia* que tudo estava na mesma.

O cão enroscava-se nas suas pernas e foi aos zigzagues para a cozinha.

— Quero que te sentes. — Ela acenou para a mesa da cozinha, debaixo da qual Tonto se encontrava esparramado, a roer satisfeito um pedaço de corda. — E que me contes tudo. Queres vinho?

— Claro, depois de te ajudar a arrumar as coisas. — Assim que as sobranceiras dela se ergueram, ele estacou com um litro de leite na mão. — O que foi?

— Lembrei-me agora de como toda a gente, incluindo tu, desaparecia sempre que era altura de arrumar as compras.

— Porque dizias sempre que guardávamos as coisas nos sítios errados.

— E era verdade, faziam de propósito, para eu vos expulsar da cozinha.

— Aturavas cada uma, não era?

— Aturava tudo, quando se tratava dos meus homens. Nada me deita abaixo, pá. Aconteceu alguma coisa em Roma?

— Não. — Ele continuou a tirar as compras dos sacos. Sabia onde ia dar a conversa, onde ia dar sempre na cozinha de Anna. — Não me meti em problemas, Anna.

*Mas estás com problemas*, pensava ela, e por ora, esquecia o assunto. — Vou abrir um fantástico branco italiano. Podemos beber um copo e tu contas-me as coisas maravilhosas que andaste a fazer. Parece que não estamos juntos há anos.

Ele fechou o frigorífico e virou-se para ela. — Lamento não ter estado em casa no Natal.

— Querido, nós compreendemos. Tinhas uma exposição em Janeiro. Temos todos muito orgulho em ti, Seth. O Cam deve ter comprado algumas centenas de exemplares da revista *Smithsonian*, onde saiu aquele artigo sobre ti. O jovem artista americano que seduziu a Europa.

Encolheu um ombro, num gesto tão habitual dos Quinn, que ela sorriu. — Senta-te, — ordenou ela.

— Já me sento, mas quero que me ponhas a par de tudo. Como raio é que estão todos? O que é que têm feito? Começa por ti.

— Está bem. — Acabou de abrir a garrafa e foi buscar dois copos. — Ultimamente tenho feito mais trabalho administrativo do que estudar casos. A assistência social envolve muita papelada, mas não é tão satisfatório. Entre isso e os dois adolescentes que tenho em casa, não sobra tempo para me aborrecer. O negócio do estaleiro vai de vento em popa.

Sentou-se e deu um copo a Seth. — A Aubrey trabalha lá.

— A sério? — Só de pensar na menina que era mais irmã para ele do que se fosse do seu próprio sangue, fê-lo sorrir. — Como é que ela está?

— Fantástica. É linda, esperta, teimosa e, segundo Cam, um génio com a madeira. Acho que a Grace ficou um pouco desiludida ao ver que Aubrey não ia seguir dança, mas não é fácil discutir quando se vê a filha tão feliz. E a Emily, filha da Grace e do Ethan, seguiu as pisadas da mãe.

— Ainda vai para Nova Iorque no final de Agosto?

— Uma oportunidade de dançar com a Companhia de Bailado Americana não aparece todos os dias. Ela vai agarrá-la, e jura a pés juntos que será bailarina principal antes de chegar aos vinte. O Deke sai mesmo ao pai — calado, inteligente e superfeliz quando anda na água. Querido, queres lanchar?

— Não. — Estendeu o braço, pousando a mão sobre a dela. — Continua.

— Então, está bem. Phillip ainda é o guru do marketing e da publicidade. Acho que nenhum de nós pensava que ele ia deixar a empresa de publicidade em Baltimore, abdicar da vida urbana e enterrar-se em S. Cris. Mas já passaram, o quê, catorze anos, por isso acho que se pode dizer que foi de vez. Claro que ele e Sybill ainda têm o apartamento em Nova Iorque. Ela está a trabalhar num livro novo.

— Pois é. Falei com ela. — Afagava a cabeça do cão com o pé. — Tem a ver com a evolução da comunidade no ciberespaço. Ela é de mais. Como estão os miúdos?

— De loucos, como adolescentes que se prezem devem estar. Bram apaixonou-se perdidamente por uma rapariga chamada Cloe, na semana passada. Entretanto, já lhe deve ter passado. Os interesses de Fiona dividem-se entre os rapazes e as compras. Mas a verdade é que tem catorze anos, por isso é natural.

— Catorze. Céus. Nem sequer tinha dez quando parti para a Europa. Mesmo vendo-os de vez em quando nos últimos anos, não parece... não parece possível que o Kevin já conduza, e a Aub ande a construir barcos. O Bram atrás das raparigas. Lembro-me de a Grace estar grávida da Emily. Foi a primeira vez que privei com alguém que ia ter um bebé... bom, alguém

que queria ter. Parece que foi há cinco minutos, e agora a Emily vai para Nova Iorque. Como é que se passaram dezoito anos, Anna, e tu não pareces um dia mais velha?

— Oh, tive saudades tuas. — Riu-se e apertou-lhe a mão.

— Eu também tive saudades tuas. De todos.

— Isso resolve-se já. Vamos juntar toda a gente para uma enorme festa de boas-vindas, à velha maneira ruidosa dos Quinn, no domingo. O que é que te parece?

— Melhor, impossível.

O cão latiu, erguendo-se de debaixo da mesa para correr na direcção da porta da frente.

— Cameron, — disse Anna. — Vai lá fora cumprimentá-lo.

Ele atravessou a casa, como fizera outrora. Abriu a porta corta-vento, como fizera outrora. Olhou para o homem que estava de pé junto ao relvado, a brincar com o cão que lhe puxava uma corda.

Ainda o achava alto, de constituição atlética. Agora no seu cabelo corriam fios prateados. Ainda trazia as mangas de trabalho arregaçadas até aos cotovelos, e os *jeans* puídos nos pontos de pressão. Trazia óculos de sol e ténis *Nike* muito gastos.

Aos cinquenta anos, Cameron Quinn ainda parecia um rebelde.

Em vez de o cumprimentar, Seth deixou o corta-vento bater atrás dele. Cameron olhou na sua direcção, e o único sinal de surpresa que demonstrou foram os dedos a deslizar pela corda.

Entre eles passaram milhares de palavras, sem produzirem um único som. Milhões de sentimentos e inúmeras memórias. Sem dizer nada, Seth desceu as escadas assim que Cameron atravessou o relvado. Depois estacaram, cara a cara.

— Espero que aquela merda que está na entrada seja alugada, — começou Cameron.

— É, pois. Foi o melhor que consegui, tão em cima da hora. Pensei em devolvê-lo amanhã, e depois andava com o *Vette* por uns tempos.

O sorriso de Cameron mostrou-se lancinante como uma lâmina. — Continua a sonhar, pá. Continua a sonhar.

— Não sei de que serve estar parado.

— De certeza que não é para um pintor de meia tigela, armado ao pingarelho, pôr as patas no seu volante clássico.

— Hei, foste tu que me ensinaste a conduzir.

— Bem tentei. Uma velhota de noventa anos e um braço partido consegue meter mudanças melhor do que tu. — Inclinou a cabeça na direcção do carro alugado de Seth. — Aquela vergonha no meu estacionamento não me inspira confiança nem me faz crer que melhoraste nessa área.

Presunçoso, Seth balançava nos calcanhares. — Fiz um teste de condução num *Maserati* há uns meses.

As sobranceiras de Cam dispararam para cima. — Não me lixes.

— Foi aos duzentos à hora. Apanhei um cagaço do caraças.

Cam ria-se, dando a Seth uma pancadinha carinhosa no braço. Depois suspirou. — Filho da mãe. Filho da mãe, — repetiu, ao puxar Seth para um abraço feroz. — Por que raio é que não avisaste que vinhas?

— Decidi em cima da hora, — começou Seth. — Apeteceu-me voltar. Tinha de vir para cá.

— Ok. A Anna já se agarrou ao telefone, a avisar toda a gente que vamos comer borrego caseiro?

— Provavelmente. Ela disse que o íamos comer no domingo.

— Bem pensado. Já te instalaste?

— Não. Tenho as coisas no carro.

— Não chames carro àquele chaço. Vamos buscar as tuas malas.

— Cam. — Seth esticou o braço, tocando o de Cam. — Quero voltar para casa. Não quero passar só uns dias, ou semanas. Quero ficar. Posso ficar?

Cam tirou os óculos de sol, e os olhos, de um cinzento fumado, encontraram os de Seth. — Mas que raio se passa contigo, porque é que achas que tens de pedir? Estás a ver se me irritas?

— Não tenho de me esforçar muito, contigo, ninguém tem. De qualquer forma, posso abusar um bocado.

— Tu abusas sempre. E sentimos falta de ver essa tua tromba feia por aqui.

E aquilo, pensava Seth ao caminharem para o carro, eram as boas-vindas que precisava de ouvir de Cameron Quinn.

Haviam mantido o quarto dele. Com o passar dos anos, estava diferente, a cor das paredes era diferente, havia um novo tapete no chão. Mas a cama era a mesma onde dormira, sonhara, acordara.

A mesma cama onde escondia Tolinho, quando era pequeno.

E aquela onde escondera Alice Robert, quando achava já ser homem.

Imaginava que Cam soubesse do Tolinho, e muitas vezes perguntava-se se soubera de Alice.

Atirou com as malas de qualquer maneira para cima da cama, e pôs o estojo de pintura — o que Sybill lhe havia dado quando fez onze anos — na mesa de trabalho que Ethan construía.

Tinha de arranjar um espaço para o estúdio, pensou. Era inevitável. Enquanto o tempo permitisse, podia trabalhar lá fora. Gostava muito mais.

Mas claro que precisava de um sítio para guardar as telas, o material. Talvez houvesse espaço no velho celeiro de um estaleiro, mas não era uma solução a longo prazo.

E ele queria que fosse a longo prazo.

Já estava farto de viajar, farto de viver entre estranhos que lhe chegava para uma vida inteira.

Sentira necessidade de partir, de estar sozinho. Quisera aprender. E céus, como precisara de pintar.

Por isso, foi estudar para Florença e trabalhar em Paris. Percorrera as colinas da Irlanda e da Escócia, e conhecera os penhascos da Cornualha.

Viveu quase sempre de forma simples e dura. Quando tinha de optar entre comprar comida ou tinta, passava fome.

Já sentira fome antes. Fizera-lhe bem, esperava, lembrar-se da sensação de não ter ninguém para assegurar que comia, para o proteger e aquecer.

Imaginava que fora a sua faceta Quinn que o moldara para traçar o seu próprio caminho.

Tirou o bloco de esboços, guardou o carvão e os lápis. Antes de voltar a pegar no pincel, ainda ia demorar algum tempo a assentar as ideias.

Nas paredes do quarto viam-se alguns dos seus primeiros desenhos. Cam ensinara-o a fazer molduras numa velha caixa de esquadria, no estaleiro. Seth tirou um da parede para o estudar. Revelava promessas, pensou, nas linhas cruas e indisciplinadas.

Mas mais, muito mais do que isso, revelava uma promessa de vida.

Decidiu que os havia captado muito bem. Cam, com os polegares enfiados nos bolsos, numa postura de confronto. Depois Phillip, esguio, com uma elegância que quase disfarçava as manhas de rua. Ethan, paciente, hirtto como pau-brasil, na roupa de trabalho.

Também se desenhara com eles. Seth, com dez anos, pensava. Magro, de ombros estreitos e pés grandes, o queixo erguido para disfarçar algo mais sofrido do que o medo.

Algo que era esperança.

Um momento da vida, pensava Seth agora, captado com um lápis de grafite. Ao desenhá-lo, começara a acreditar, a acreditar no seu íntimo, que era um deles.

Um Quinn.

— Metes-te com um Quinn, — murmurou ele, ao voltar a pendurar o desenho na parede, — metes-te com todos.

Virou-se, olhando de relance para as malas a pensar se ia conseguir convencer a Anna, com falinhas mansas, a desfazê-las.

Nem pensar.

— Hei.

Olhou para a porta e o seu rosto iluminou-se ao ver Kevin. Já que não tinha jeito nenhum para a roupa, ao menos tinha companhia. — Hei, Kev.

— Então, é desta que ficas? De vez?

— Parece que sim.

— Fixe. — Kevin entrou de rompante, saltou para a cama e apoiou os pés numa das malas. — A mãe nem cabe em si de contente. Sabes que aqui, se a mãe está feliz, toda a gente está feliz. Talvez amoleça e me deixe andar com o carro dela no fim-de-semana.

— Ainda bem que sou útil. — Empurrou os pés de Kevin de cima da mala e abriu-a.

Tinha ares da mãe, pensava Seth. O cabelo preto, encaracolado, olhos italianos enormes. Seth imaginava que as raparigas já andassem à volta dele como pinos de *bowling*.

— Como vai a peça?

— Na maior. Na maior, mesmo. *West Side Story*. Eu sou o Tony. Quando se é um Jet, pá.

— É-se sempre um Jet. — Seth enfiava camisas ao acaso numa gaveta. — Tu morres, não é?

— Sim. — Kevin agarrou-se ao coração, estremecendo com o rosto transbordante de sofrimento e enlevo. Depois, esmoreceu. — É fantástico, e antes da cena em que morro, tenho uma cena de pancadaria do caraças. Estreia para a semana. Vais lá estar, certo?

— Bem ao centro, na primeira fila, amigo.

— Tens de ver a Lisa Maxdon, a que faz de Maria. Gira à brava. Temos umas cenas de amor juntos. Fartamo-nos de ensaiar, — acrescentou, com um piscar de olho.

— Tudo pela arte.

— Claro. — Kevin ergueu-se um pouco. — Ok, conta-me mas é tudo sobre as miúdas europeias. Quentes à brava, não?

— Impossível não me queimar. Houve uma rapariga em Roma. Anna-Theresa.

— Uma rapariga com dois nomes. — Kevin abanava os dedos, como se os tivesse aproximado de uma chama. — As raparigas com dois nomes são muito sensuais.

— Nem me fales. Trabalhava numa pequena *trattoria*. E a forma como servia *pasta al pomodoro*, era fantástica.

— E então? Pontuaste?

Seth lançou a Kevin um olhar piedoso. — Por favor, não sabes com quem estás a falar? — Enfiou os *jeans* noutra gaveta. — O cabelo dela ia até



ao rabo, e que belo rabo. Os olhos eram como chocolate derretido e a boca insistente.

— Desenhaste-a nua?

— Fiz mais ou menos uma dúzia de estudos. Ela tinha muito jeito. Superdescontraída, totalmente desinibida.

— Bolas, dáς cabo de mim.

— E tinha cá uma... — Seth fez uma pausa, com as mãos à altura do peito para demonstrar. — Personalidade, — disse, deixando cair as mãos. — Olá, Anna.

— A falar sobre arte? — Indagou, secamente. — És muito simpático em partilhar as tuas experiências culturais com o Kevin.

— Umm. Bom. — O sorriso letal que ela lançava na sua direcção sempre entaramelara a língua de Seth. Em vez de tentar dar-lhe uso, deixou-se ficar por um sorriso inocente.

— Mas damos por terminada a sessão desta noite sobre arte e cultura. Kevin, acho que tens trabalhos de casa para fazer.

— Pois. Vou já tratar disso. — Encarando o trabalho de História como tábuas de salvação, Kevin safou-se.

Anna entrou no quarto. — Achas, — perguntou ela a Seth, com simpatia, — que a jovem em questão ia gostar de ser reduzida a um par de seios?

— Ah... também falei nos olhos dela. Eram quase tão fabulosos quanto os teus.

Anna tirou uma camisa da gaveta aberta e dobrou-a na perfeição. — Achas que vou cair nessa?

— Não. Mas se implorar, talvez. Por favor, não me faças mal. Acabei de chegar a casa.

Ela tirou outra camisa e dobrou-a. — O Kevin tem dezasseis anos, e sei perfeitamente que o principal interesse dele são seios nus e o desejo ardente de pôr as mãos em cima do maior número possível deles.

Seth pestanejou. — Bolas, Anna.

— Também sei, — continuou ela, sem perder o ritmo, — que esta predilecção, apesar de ter a esperança que se torne mais civilizada e controlada, permanece bem enraizada no género masculino no decorrer da sua vida natural.

— Hei, queres ver uns esboços de paisagens que fiz na Toscana?

— Vocês suplantam-me. — Suspirando baixinho, pegou noutra camisa. — Estou em minoria desde que entrei nesta casa. Mas isso não significa que não posso bater com as vossas cabeças umas nas outras sempre que achar necessário. Percebido?

— Sim, senhora.

— Ótimo. Mostra-me as paisagens.

Mais tarde, quando a casa caiu no silêncio e a Lua pairava sobre a água, ela foi encontrar Cam no alpendre das traseiras. Saiu de casa e foi ter com ele.

Ele passou o braço à volta dela, massajou-lhe o ombro para afastar o frio da noite. — Já trataste de toda a gente?

— Como sempre. A noite está fria. — Ergueu o olhar para o céu, para as pontas geladas das estrelas. — Espero que no domingo esteja bom tempo. — Depois, virou o rosto para o peito dele. — Oh, Cam.

— Eu sei. — Passou-lhe a mão pelo cabelo, afagando-lhe o rosto com ela.

— Só de o ver sentado à mesa da cozinha. Vê-lo a lutar com o Jake e com o parvo do cão. Até só de o ouvir a falar de mulheres nuas com o Kevin...

— Que mulheres nuas?

Ela riu-se, atirou o cabelo para trás e olhou para ele. — Nenhuma que conheças. É tão bom tê-lo em casa.

— Eu disse-te que ele voltava. Os Quinn voltam sempre ao poleiro.

— Tens razão. — Beijou-o, num longo e quente encontro dos lábios. — Porque é que não subimos? — Deslizou as mãos para baixo, dando-lhe um apertão convidativo no traseiro. — Também vou tratar de ti.

— Toca a acordar, pá. Isto não é a casa da mãe Joana.

A voz e o sadismo implícitos obrigaram Seth a grunhir. Virou-se de barriga para baixo, puxando a almofada para cima da cabeça. — Vai-te embora. Desaparece.

— Se achas que vais passar aqui os dias a dormir até ao meio-dia, estás enganado. — Com deleite, Cam arrancou-lhe a almofada das mãos. — Levanta-te.

Seth abriu um olho e revirou-o até focar o relógio da mesa-de-cabeceira. Ainda não eram sete horas. Voltou a virar a cara para o colchão e resmungou uma sugestão rude em italiano.

— Se achas que vivi estes anos todos com a Spinelli e não sei que isso significa «vai-te lixar», és tão estúpido como preguiçoso.

Para resolver a questão, Cam puxou os lençóis para trás, pegou nos tornozelos de Seth e arrastou-o para o chão.

— Merda. Merda! — Nu, com o cotovelo a latejar por ter batido na mesa, Seth ergueu o olhar para o seu carrasco. — Que raio se passa contigo? Estou no meu quarto, e gostava de dormir um bocado.

— Vê se te vestes. Tenho uma tarefa para ti lá nas traseiras.

— Raios partam, podias deixar um gajo em paz pelo menos umas vinte e quatro horas.

— Puto, nunca mais te deixei em paz desde os teus dez anos, e ainda não estou satisfeito. Tenho de trabalhar, por isso despacha-te.

— Cam. — Anna apareceu à porta, com as mãos nas ancas. — Pedi que o acordasses, não que o atirasses para o chão.

— Jesus. — Mortificado, Seth arrancou o lençol das mãos de Cam e enrolou-o à cintura. — Bolas, Anna, estou nu.

— Então, veste-te, — sugeriu ela, afastando-se.

— Nas traseiras, — avisou Cam, ao sair do quarto. — Cinco minutos.

— Pois sim, está bem.

Certas coisas nunca mudavam, pensava Seth, ao vestir os *jeans* à pressa. Mesmo que tivesse sessenta anos e vivesse naquela casa, Cam ia arrastá-lo da cama como se tivesse doze.

Pegou no que restava de uma *sweatshirt* da Universidade de Maryland e puxou-a pela cabeça abaixo, saindo do quarto.

Se não houvesse café, quente e acabado de fazer, alguém ia levar um valente pontapé no rabo.

— Mãe! Não encontro os sapatos!

Seth olhou de soslaio para o quarto de Jake enquanto se dirigia para as escadas.

— Estão aqui em baixo, — respondeu Anna. — No meio da minha cozinha, onde não deviam estar.

— Não são *esses* sapatos. Bolas. Os *outros* sapatos.

— Vê se não estão no teu rabo, — ouviu-se a sugestão cuidadosamente cordial do quarto de Kevin. — É lá que tens a cabeça.

— Tu não tens problemas em achar o rabo, — foi a resposta pronta. — Sabes que está entre os ombros.

Uma dinâmica familiar tão conhecida teria levado Seth a abrir um sorriso, se não fossem sete da madrugada. E se o cotovelo não lhe doesse como o raio. E se tivesse conseguido ingerir alguma cafeína.

— Nenhum de vocês ia encontrar os respectivos rabos com as próprias mãos, — grunhiu ele, ao descer os degraus, amuado.

— Que raio é que se passa com o Cam? — Indagou a Anna, ao entrar de rompante na cozinha. — Há café? Porque é que toda a gente acorda a berrar nesta casa?

— Cam quer falar contigo lá fora. Sim, ainda há meia cafeteira e toda a gente acorda a berrar, porque é assim que gostamos de receber o dia. — Serviu o café numa grossa caneca branca. — Tomas o pequeno-almoço sozinho. Tenho uma reunião bem cedo. Não amues, Seth. Logo à noite trago gelado.

O dia começava a ganhar uma certa beleza. — Da Olá?

— Da Olá. Jake! Tira-me estes sapatos da cozinha antes que os dê de comer ao cão. Vai lá fora, Seth, senão ainda dás cabo do bom humor de Cam.

— Pois, parecia mesmo bem-disposto, quando me puxou da cama abaixo. — Ainda a remoer, Seth passou a porta da cozinha.

Lá estavam eles, quase como os havia desenhado, há muitos anos. Cam, de polegares encaixados nos bolsos, Phillip, aprumado dentro de um fato, e Ethan, de boné gasto a tapar o cabelo batido pelo vento.

Seth engolia o café, e o coração que se alojara na garganta. — Foi para isto que me arrastaste da cama?

— Tens a mania que és esperto. — Phillip roubou-lhe um abraço. Os seus olhos, quase do mesmo tom de dourado que o cabelo, estudaram a camisola e os *jeans* amarrotados de Seth. — Céus, puto, será que não te ensinei nada? — Abanando a cabeça, puxou com dois dedos a manga da camisola de um cinzento desbotado. — A Itália foi mesmo um desperdício.

— É só roupa, Phil. Veste-la para não teres frio nem seres preso.  
Com um esgar sofrido, Phillip recuou. — Onde é que eu errei?  
— A mim parece-me bem. Ainda estás muito magricela. O que é isto?  
— Ethan puxou o cabelo de Seth. — Grande como o de uma miúda.  
— Ontem à noite estava preso num rabinho-de-cavalo, — informou Cam. — Estava tão lindinho.  
— Vai bardamerda, — riu-se Seth.  
— Vamos comprar-te um laçarote cor-de-rosa, — comentou Ethan, roncando, e envolveu Seth num abraço de urso.  
Phillip tirou a caneca da mão de Seth e provou. — Decidimos não esperar por domingo, e passámos cá para te ver.  
— Que bom que vieram. Fico muito contente. — Seth olhou de soslaio para Cam. — Podias ter dito que estavam todos aqui, em vez de me despejares da cama.  
— Assim foi mais divertido. Bom. — Cam balouçava-se nos calcanhares.  
— Bom, — retorquiu Phillip, e pousou a caneca no corrimão do alpendre.  
— Bom. — Ethan puxou novamente o cabelo de Seth. De seguida agarrou-lhe o braço com força.  
— O que foi?  
Cam esboçou um sorriso irónico e agarrou-lhe o outro braço. Seth nem precisou de ver os seus olhos a brilhar para perceber.  
— Vá lá. Estão a gozar, certo?  
— Tem de ser. — Antes que Seth começasse a dar luta, Phillip apanhou-lhe as pernas e levantou-o no ar. — Nem sequer tens de te preocupar com molhar essa roupa catita.  
— Parem com isso. — Seth esperneava, tentando pontapeá-los, ao mesmo tempo que o levavam do alpendre. — A sério. A água está fria como a merda.  
— Vais afundar como uma pedra, — troçou Ethan, ao carregarem Seth à força para a doca. — Parece que viver na Europa fez de ti um larilas.  
— Larilas, uma ova. — Debatia-se, lutando para não se rir. — São precisos três para me segurar. Seus velhos raquíticos, — rosnou. Tinham uma força, pensou, de aço.  
Aquele comentário levou Phillip a franzir o sobrolho. — Acham que o conseguimos atirar muito longe?  
— Já vamos descobrir. Um, — anunciou Cam, assim que se abeiraram da água para o balouçar junto à doca.  
— Vou-vos matar. — A praguejar e a rir, Seth contorcia-se como um peixe.

— Dois, — disse Phillip, com um sorriso. — É melhor respirares fundo, puto.

— Três. Bem-vindo a casa, Seth, — gritou Ethan, assim que os três o lançaram no ar.

Tinha razão. A água estava gelada. Ficou sem o fôlego que nem sequer se incomodara em poupar, gelando até aos ossos. Quando veio à superfície, a arquejar e a puxar o cabelo para trás, ouviu os irmãos a zurrar de delírio e viu-os ali juntos na doca, banhados pelo Sol matinal, tendo a casa branca como pano de fundo.

*Sou Seth Quinn, pensou. E estou em casa.*

O mergulho madrugador tratou de lhe cuidar do *jet lag*. Desde que se levantara, Seth decidiu que mais valia começar a fazer alguma coisa. Voltou para Baltimore, entregou o carro alugado e, depois de experimentar e negociar bastante com o vendedor, regressou ao volante e orgulhoso de um potente *Jaguar* descapotável prateado.

Ele sabia que gritava: *Sr. Agente, importa-se de me passar uma multa por excesso de velocidade?* Mas não conseguiu resistir.

Vender a arte que produzia era uma faca de dois gumes. Cortava-se-lhe o coração ao meio, sempre que se separava de um quadro. Mas estava a vender muito bem, por isso, bem podia gozar um pouco os frutos.

Os seus irmãos, achava ele, iam ficar verdes de inveja quando vissem o novo bólido.

Reduziu a velocidade ao atravessar S. Cris. A pequena vila junto ao mar, de docas atarefadas e ruas silenciosas, representava mais um quadro para ele, dos que recriara inúmeras vezes, de diversos ângulos.

Market Street, com as suas lojas e restaurantes, ficava paralela às docas, onde os pescadores de caranguejos ainda montavam as bancas para «turista ver» ao fim-de-semana. Os pescadores como Ethan traziam para ali a faina do dia.

A vila crescera com as velhas casas vitorianas, as coloniais e as de ripas<sup>1</sup> à sombra de árvores frondosas. Os relvados sempre aprumados. O asseio, a originalidade e a história atraíam os turistas, que vagueavam pelas lojas, comiam nos restaurantes, instalavam-se nos *B* e *B*<sup>2</sup> durante um fim-de-semana de descanso na Costa.

Os locais haviam aprendido a viver com eles, tal como aprenderam a viver com as rajadas de vento do Atlântico, e as secas que dizimavam os campos de soja. Tal como aprenderam a viver com os caprichos da Baía e com os seus cada vez menores agrados.

1 - *Saltboxes* e *clapboards*, respectivamente, no original. Tipos de casas coloniais americanas. (N. da T.)

2 - *Bed and Breakfast*. (N. da T.)

Passou pelo Crawford's e lembrou-se das sanduíches feitas às três pancadas, dos cones de gelado a pingar e das fofocas da cidade.

Percorrera aquelas ruas de bicicleta, ao desafio com Danny e Will McLean. Passeara com eles no *Chevy* em segunda mão que ele e Cam arranjaram no Verão em que fez dezasseis anos.

E sentara-se — homem e menino — numa das mesas com chapéu-de-sol, a contemplar o buliço da vila, a tentar captar aquele lugar único no planeta que, para ele, tinha um brilho sem igual.

Não tinha a certeza de ter conseguido, nem se alguma vez o faria.

Abrandou para estacionar e dar um passeio a pé pelas docas. Queria estudar a luz, as sombras, as cores e formas, e já desejava ter levado consigo um bloco de desenho.

Ficava sempre espantado com a beleza que havia no mundo. Como mudava e se transformava, até mesmo enquanto a contemplava. A forma como o Sol batia na água num instante exacto, como se fundia e desaparecia atrás de uma nuvem.

Ou ali, pensava, na curva da face daquela menina, ao erguer o olhar para a gaiivota lá em cima. As linhas que o seu sorriso lhe deixava na boca, ou a forma como os seus dedos deslizavam pelos da mãe em confiança absoluta.

Havia muita força em tudo aquilo.

Ficou a observar um barco branco a navegar na água azul, as velas cheias pelo vento forte.

Deu-se conta de que queria voltar a navegar. Fazer parte daquilo. Talvez fosse pedir boleia a Aubrey por umas horas. Ainda queria passar por alguns sítios primeiro, e depois ia ao estaleiro ver se a conseguia raptar.

Perscrutando as ruas, começou a dirigir-se para o carro. Um letreiro pintado numa montra chamou-lhe a atenção. *Botão de Rosa*, leu. Uma florista. Era nova. Aproximou-se, reparando nos vasos coloridos pendurados de cada lado da montra.

A vitrina estava cheia de plantas e o que lhe pareciam ser aparadores. Bastante engenhosos, achava Seth, percebendo que o divertia a vaca malhada, preta e branca, com amores-perfeitos suspensos ao fundo.

No canto inferior direito da vitrina, com a mesma letra ornamentada, lia-se: *Drusilla Whitcomb Banks, Proprietária*.

Não conhecia o nome, e uma vez que o cartão pintado informava que a loja abrira em Setembro do ano anterior, imaginava que se tratasse de uma viúva espalhafatosa, já entradota. De cabelos brancos, decidiu, vestido engomado com um estampado floral, a combinar com os sapatos e os óculos rectangulares que usava com uma corrente dourada à volta do pescoço.

Ela e o marido iam a S. Cris passar os fins-de-semana prolongados e,

quando ele morreu, ela ficara com demasiado tempo e dinheiro em mãos. Por isso, mudara-se para ali e abrira a florista, para estar no local onde viveram juntos sem preocupações, e ao mesmo tempo podia fazer algo que sempre desejara em segredo todos aqueles anos.

A história levava-o a simpatizar com a Sra. Whitcomb Banks e com o seu gato snobe — *tinha* de ter um gato — chamado Ernestino.

Decidiu que a ia fazer feliz, bem como a todas as imensas mulheres da sua vida. Com flores no pensamento, Seth abriu a porta ao som de campainhas melodiosas.

Parecia-lhe que a proprietária tinha um forte sentido de estilo. Não eram só as flores — afinal de contas, elas eram apenas as tintas. Mas ela havia disposto, espalhado e combinado as tintas muito bem. Pinceladas de cor, misturas de formas, o contraste das texturas cobriam a tela que era a loja. Estava arrumada, tal como ele esperava, mas não era rígida nem formal.

Sabia o suficiente acerca de flores, dos anos que vivera com Anna, para reconhecer a forma perspicaz com que ela combinara gerbérias rosa-forte com delfínios de um azul vivo, lírios alvos como a neve com a elegância das rosas vermelhas. Misturados em toda aquela imensidão de cores, havia leques, espinhos e linguetas verdes.

Achava toda aquela extravagância encantadora. Porquinhos em ferro fundido, sapos a tocar flauta, gárgulas com expressões malévolas.

Havia potes e vasos, fitas e laços, canteiros baixos com ervas e plantas domésticas viçosas. Dava a impressão de tralha bem arrumada num espaço limitado e bem aproveitado.

Compondo a cena, ouvia as notas saídas de um conto de fadas de «*Afternoon of a Faun*»<sup>3</sup>.

Mas que bem, Sra. Whitcomb Banks, concluiu e preparou-se para gastar uma quantia exorbitante.

A mulher que surgiu na porta das traseiras, por trás do enorme balcão da loja, não compunha a imagem da talentosa viúva, mas decerto que pertencia num jardim fantasista.

Atribuiu mais alguns créditos à viúva, por ter contratado alguém que fazia um homem lembrar-se de fadas e princesas encantadas.

— Posso ajudá-lo?

— Oh, sim. — Seth chegou-se ao balcão e ficou a olhar para ela.

Alta, magra e aperaltada como uma rosa, pensava. Tinha o cabelo de um negro autêntico, o corte a seguir a adorável linha da cabeça, deixando antever a curva elegante do pescoço. Era um visual, pensava ele, que exigia imensa coragem e autoconfiança femininas.

3 - Peça de música composta por Claude Debussy. (N. da T.)



O seu rosto ficava totalmente desemoldurado, formando o marfim delicado da sua pele uma tela oval perfeita. Os deuses estavam inspirados no dia da sua criação, e haviam-lhe desenhado um par de olhos verde-musgo em forma de amêndoa, para depois acrescentarem um toque de âmbar em redor das pupilas.

O nariz era pequeno e direito, a boca grande a combinar com os olhos, e muito carnuda. Pintara-a de um rosa-escuro e sedutor.

O queixo ostentava uma pequena fenda, como se o seu criador lhe tivesse tocado com o dedo, num gesto de aprovação.

Ele pintaria aquele rosto; sem sombra de dúvida. E o resto também. Viu-a deitada num leito de pétalas de rosa, com aqueles olhos de fada a brilhar de poder lânguido, os lábios ligeiramente curvos, como se tivesse acabado de acordar de um sonho com o seu amor.

O sorriso dela não vacilou enquanto ele a estudava, mas as asas escuras das suas sobranceiras arquearam. — Em que é que lhe posso ser útil?

A voz era boa, pensou ele. Forte e suave. Não era dali, concluiu.

— Podemos começar pelas flores, — disse ele. — Esta loja é fantástica.

— Obrigada. Em que flores é que estava a pensar hoje?

— Já lá vamos. — Debruçou-se no balcão. Em S. Cris, havia sempre tempo para um dedo de conversa. — Trabalha aqui há muito tempo?

— Desde sempre. Se já está a pensar no Dia da Mãe, tenho aqui umas lindas...

— Não. Já tratei do Dia da Mãe. Você não é daqui. O sotaque, — explicou ele, ao ver que arqueava outra vez as sobranceiras. — Não é da Costa. Mais para norte, talvez.

— Muito bem. Da capital.

— Então, o nome da loja. Botão de Rosa. É do Whistler?

O seu rosto transpareceu surpresa e dúvida. — Na verdade, é mesmo. É o primeiro a adivinhar.

— Um dos meus irmãos percebe muito disso. Não me lembro bem da citação. Tem alguma coisa a ver com ser perfeito no botão e na rosa.

— A obra-prima deve ser como a flor para o pintor... perfeita no botão e na rosa.

— Sim, é isso. Deve ser por isso que a reconheci, já que é esse o meu trabalho. Sou pintor.

— A sério? — Lembrou-se que devia ser paciente, deixar-se entrar no ritmo. Faziam parte da vida da pequena vila, as conversas demoradas e sinuosas com estranhos. Já lhe havia conseguido tirar as medidas. Tinha um rosto algo familiar, os olhos de um azul deslumbrante, francos e de interesse

directo. Não ia cair no cerco da sedução, certamente que não para vender, mas podia ser simpática.

Tinha ido para S. Cris para ser simpática.

Como imaginava que ele pintava casas, rebuscou na sua mente uma situação que fosse de encontro ao universo dele. — Trabalha na zona?

— Agora, sim. Estive fora. Trabalha aqui sozinha? — Deu uma olhada em redor, para calcular o trabalho que dava manter o jardim que ela criara. — A proprietária costuma vir cá?

— Por agora, trabalho sozinha. E sou eu a proprietária.

Olhou para ela de novo e começou a rir. — Bolas, nunca haveria de adivinhar. Muito prazer, Drusilla Whitcomb Banks. — Estendeu a mão. — Sou Seth Quinn.

Seth Quinn. Pousou a mão na dele num gesto reflexivo, e fez uma breve análise com outros olhos. Percebeu que não se tratava de um rosto que já tivesse visto pela vila, mas talvez numa revista. Não era pintor de casas, apesar dos *jeans* velhos e da camisola desbotada, mas antes um artista. O rapaz local que se tornara a coqueluche da Europa.

— Admiro o seu trabalho, — disse ela.

— Obrigado. E eu admiro o seu. E devo estar a empatá-la. Vou fazer com que não se arrependa. Tenho umas senhoras que quero impressionar. Podia dar-me uma ajuda.

— Senhoras? No plural?

— Sim. Três, não, quatro, — corrigiu, a pensar em Aubrey.

— Nem imagino como tem tempo para pintar, Sr. Quinn.

— Seth. Consigo sempre.

— Aposto que sim. — Determinado tipo de homens conseguia sempre. — Flores de corte, arranjos ou plantas?

— Ah... flores de corte, numa bela caixa. É mais romântico, não acha? Deixe-me ver. — Calculou o caminho e o tempo que levaria, e decidiu que faria uma visita a Sybill primeiro. — A primeira é sofisticada, chique, intelectual e prática, mas com um coração mole. Acho que rosas.

— Se quiser ser previsível.

Levou o olhar de novo para Dru. — Sejam imprevisíveis.

— Um momento. Tenho algo lá atrás de que é capaz de gostar.

Pensou que havia algo mesmo ali de que gostava, assim que ela se virou para a porta das traseiras. Deu uma pancadinha no coração.

Phillip, pensava Seth ao caminhar pela loja, haveria de aprovar as linhas clássicas e despojadas do fato cor de pêssegos maduros que ela usava. Ethan, talvez pensasse numa forma de a ajudar, com todo o trabalho que dava gerir um lugar daqueles. E Cam... bom, Cam ia olhar bem para ela e sorrir.

Seth achava que tinha características dos três dentro de si.

Ela regressou com um braço cheio de flores exóticas, de pé alto, as pétalas brilhantes cor de beringela.

— Jarros, — explicou ela. — Elegantes, simples, com classe e nesta cor, espectaculares.

— Acertaste em cheio.

Colocou-os numa pequena jarra em forma de cone. — E a seguir?

— Quente, conservadora no bom sentido. — Começou a sorrir, só de pensar em Grace. — Também simples. Doce, mas não lamechas, e com uma estrutura de aço.

— Túlipas, — retorquiu e dirigiu-se à ampla arca frigorífica. — Talvez neste rosa-suave. Uma flor serena, mas mais robusta do que parece, — acrescentou, enquanto as levava para que as visse.

— Bingo. Tem jeito.

— Pois tenho. — Agora começava a divertir-se, não só com a venda, mas com o jogo implicado. Era esta a razão porque abrira a loja. — A terceira?

Aubrey, pensou ele. Como podia descrever Aubrey? — Jovem, fresca, divertida. Forte e leal por instinto.

— Espera. — Com aquela imagem mental, Dru deslizou novamente para as traseiras. E voltou com um molho de girassóis tão redondos como um prato de sobremesa.

— Céus, são perfeitos. Estás no ramo certo, Drusilla.

Era o melhor elogio possível, pensava ela. — Não valia a pena perder tempo noutra. E já que estás prestes a bater o meu recorde de vendas a um único cliente, chama-me Dru.

— Que bom.

— E a quarta sortuda?

— Arrojada, linda, inteligente e sensual. Com um coração de... — O coração de Anna, pensava. — Com um coração impossível de descrever. A mulher mais fantástica que já conheci.

— E parece que conheces bastantes. Um minuto. — Mais uma vez, retirou-se. Ele estava a admirar os girassóis quando Dru voltou com lírios asiáticos de um escarlate triunfante.

— Ena pá. São a cara da Anna. — Esticou o braço para tocar numa das vívidas pétalas vermelhas. — São mesmo a Anna. Acabaste de fazer de mim um herói.

— Fico feliz em ajudar. Vou pô-las numa caixa e atar fitas a combinar com as cores das flores. Consegues levá-las direitas?

— Acho que dou conta do recado.

— Os cartões estão incluídos. Podes escolher os que quiseres daquele mostruário no balcão.

— Não preciso de cartões. — Observava-a a colocar pequenos recipientes com água nas extremidades das flores. Não usava aliança, reparou. Mesmo se usasse, tê-la-ia pintado, mas se fosse casada, o resto dos seus planos não teria seguimento.

— Que flor és tu?

Ela lançou-lhe um olhar, ao mesmo tempo que acondicionava o primeiro arranjo numa caixa branca forrada a papel vegetal. — Todas. Gosto de variedade. — Atou uma fita roxa-escura à volta da primeira caixa. — E parece que tu também.

— É uma pena ter de acabar com a ilusão de que tenho algum hárem. São irmãs, — declarou ele, gesticulando para as flores. — Embora os girassóis sejam para a sobrinha, prima, irmã. O parentesco exacto é um bocadinho confuso.

— Um-hm.

— As esposas dos meus irmãos, — explicou. — E uma das filhas mais velhas do meu irmão. Imagino que seja melhor esclarecer isso, uma vez que te vou pintar.

— Vais? — Atou a segunda caixa com uma fita cor-de-rosa, decorada com renda branca. — Tens a certeza?

Ele puxou do cartão de crédito e pousou-o em cima do balcão, enquanto ela tratava dos girassóis. — Achas que só te quero ver nua, e acredita que não me oponho à ideia.

Ela foi buscar fita dourada. — Porque haverias de te opor?

— Exactamente. Mas porque não começarmos pela tua cara? É uma bela cara. Gosto muito do formato da tua cabeça.

Pela primeira vez, os dedos dela tremeram um pouco. Com uma gargalhada tímida, estacou e voltou a olhar bem para ele. — O formato da minha cabeça?

— Claro. E tu também gostas, senão não usavas esse corte de cabelo. É uma belíssima tomada de posição, sem fazer grandes ondas.

Ela atou a fita. — É inteligente da tua parte, definiries uma mulher com expressões tão intensas.

— Gosto de mulheres.

— Já percebi. — Ao acabar o arranjo dos jarros vermelhos, entraram dois clientes que começaram a perscrutar a loja.

Ainda bem, pensou Dru. Estava na altura de o artístico Sr. Quinn ir andando.

— Fico lisonjeada por admirares o formato da minha cabeça. — Pegou no cartão de crédito dele para saldar a conta. — E que alguém com o teu talento e reputação gostasse de me pintar. Mas o trabalho ocupa-me imenso, e nunca tenho tempo livre. O único que consigo é

para gastar de forma extremamente egoísta.

Entregou-lhe a conta e fê-la deslizar pelo balcão, para ele a assinar.

— Fechas às seis todos os dias e não abres ao domingo.

Devia ter-se irritado, pensou, mas em vez disso, ficou intrigada. — Não te escapa nada, pois não?

— Todos os detalhes são importantes. — Depois de assinar o talão, pegou num dos cartões de felicitações e virou-o ao contrário.

Desenhou um estudo rápido do rosto dela, como se fosse uma flor de pé alto, ao qual acrescentou o número de telefone de casa, antes de o assinar. — Para o caso de mudares de ideias, — declarou, entregando-lho.

Ela analisou o cartão, sentindo que os lábios se contorciam. — Era bem capaz de vender isto no *eBay* por uma bela soma.

— Tens classe a mais para fazeres uma coisa dessas. — Empilhou as caixas, ajeitando-as. — Obrigada pelas flores.

— De nada. — Contornou o balcão para lhe abrir a porta. — Espero que as tuas... irmãs gostem.

— Vão gostar. — Lançou-lhe um derradeiro olhar por cima do ombro. — Eu volto.

— Estarei aqui. — Enfiando o esboço no bolso, fechou a porta.

Fora fantástico ver Sybill, passar uma hora sozinho com ela. E ver o prazer que sentiu, ao arranjar as flores numa jarra alta e transparente.

Eram perfeitas para ela, concluiu, tal como a casa que ela e Phillip haviam comprado e mobilado, a imensa vivenda vitoriana com todos os pormenores estilizados, era perfeita para ela.

Com o passar dos anos, mudara de corte de cabelo, mas agora voltara a usá-lo como ele mais gostava, a balouçar solto quase até aos ombros, com toda a riqueza de cor de um valioso casaco de marta.

Não colorira o seu dia de trabalho em casa com batom, e envergava uma blusa branca lisa com calças pretas plissadas, num estilo que ele imaginava ser a ideia que ela fazia de casual.

Era mãe de duas crianças activas, além de uma socióloga experiente e escritora de sucesso. Conseguia ostentar uma compleição totalmente serena, pensava Seth.

Tinha motivos para pensar que aquela serenidade fora conquistada a pulso.

Crescera no mesmo ambiente familiar que a sua mãe. As meias-irmãs eram como duas faces da mesma moeda.

Uma vez que só de pensar em Gloria DeLauter Seth sentia os músculos do estômago a contrair, colocou a imagem de lado e concentrou-se em Sybill.

— Quando tu, Phillip e os miúdos foram ter comigo a Roma há uns meses, não pensava que a próxima vez que te ia ver seria aqui.

— Queria que voltasses. — Serviu um copo de chá gelado para cada um. — Muito egoísta da minha parte, mas queria que voltasses. Por vezes, no meio de tudo o que estava a acontecer, parava e pensava: *Falta alguma coisa. O que é que falta?* E depois, *oh, sim, o Seth. Falta o Seth.* Tolice.

— Que querida. — Apertou-lhe a mão, antes de pegar no copo que ela lhe servira. — Obrigado.

— Conta-me tudo, — exigiu ela.

Falaram do trabalho de ambos. Das crianças. Do que mudara e do que estava na mesma.

Assim que ele se levantou para sair, ela envolveu os braços à volta dele e abraçou-o um minuto mais. — Obrigada pelas flores. São lindas.

— Foi numa loja nova, bem gira, na Market. A proprietária parece saber o que faz. — Caminhou com Sybill, de mãos dadas, na direcção da porta. — Já lá foste?

— Uma ou duas vezes. — Como já o conhecia muito bem, Sybill sorriu. — É muito querida, não achas?

— Quem? — Mas ao ver que Sybill apenas inclinava a cabeça, sorriu. — Apanhaste-me. Sim, é bem bonita. O que é que sabes sobre ela?

— Na verdade, nada. Mudou-se para cá no Verão passado, acho eu, e abriu a loja no Outono. Acho que é da zona da capital. Sei que os meus pais conhecem uns Whitcomb e uns Banks dali perto. — Encolheu os ombros. — Não tenho a certeza, e os meus pais e eu não... nos contactamos muito ultimamente.

Afagou-lhe a face. — Lamento.

— Não faz mal. Têm dois netos maravilhosos que ignoram por completo. — *Como te ignoraram*, pensava ela. — Quem perde são eles.

— A tua mãe nunca te perdoou por teres ficado do meu lado.

— Quem perde é ela. — Sybill falava enquanto levava as mãos ao rosto. — E quem ganha sou eu. E não estou sozinha. Nesta família, isso é impossível.

Nesse ponto, tinha razão, pensava Seth, conduzindo até ao estaleiro. Nenhum Quinn estava sozinho.

Mas não tinha a certeza se teria coragem de os arrastar para os problemas que receava muito irem ao seu encontro, até mesmo em casa.

Assim que Dru despachou a venda seguinte e ficou outra vez sozinha na loja, tirou o desenho do bolso.

Seth Quinn. Seth Quinn queria pintá-la. Era fascinante. E também intrigante, admitia, como o próprio artista. Uma mulher podia sentir-se intrigada sem sentir um interesse genuíno.

Que ela não sentia.

Não queria posar, ser escrutinada, imortalizada. Nem mesmo por mãos tão talentosas. Mas estava curiosa, acerca do conceito, tal como estava curiosa acerca de Seth Quinn.

O artigo que lera incluía alguns detalhes sobre a sua vida pessoal. Sabia que tinha chegado à Costa Leste ainda criança, levado por Ray Quinn antes de morrer sozinho num acidente de carro. Essa história não chegara a esclarecer-se por completo. Nunca se falara dos seus pais, e Seth fora muito reservado sobre essa matéria na entrevista. Os factos diziam que Ray Quinn era seu avô, e que quando morreu, Seth fora criado pelos três filhos adoptivos dos Quinn. E pelas esposas, à medida que foram casando.

As irmãs, afirmara ele, ao pensar nas flores que havia comprado. Talvez fossem para as mulheres que ele considerava irmãs.

Não se importava nada com isso.

Estava mais interessada no que o artigo dissera acerca do trabalho dele, e em como a família dele encorajara o seu talento precoce. Como havia apoiado o seu desejo de estudar na Europa.

Fora uma criança afortunada, na opinião de Dru, que tinha uma família que o amava o suficiente para o deixar partir — para o deixar ir à descoberta, lançado ao fracasso ou ao sucesso sozinho. E, pensava ela, que aparentemente o acolhera de volta, de forma igualmente altruísta.

Ainda assim, era difícil imaginar o homem que os italianos haviam alcunhado de *il maestro giovane* — o jovem mestre — a instalar-se em S. Cris para pintar paisagens marítimas.

Tal como assumia ser difícil para muita gente que conhecia imaginar Drusilla Whitcomb Banks, jovem *socialite*, satisfeita a vender flores numa lojinha junto ao cais.

Não se importava com o que as pessoas iam pensar, nem com o que iam dizer — tal como sabia que nada disso importava também a Seth Quinn. Ela mudara-se para ali para se afastar das exigências e das expecta-

tivas, dos laços familiares apertados e do implacável tormento de ser usada como brinquedo na guerra de nervos interminável declarada pelos pais.

Viera para S. Cris à procura de paz, da paz por que ansiara quase toda a vida.

E estava a encontrá-la.

Apesar de a mãe ir ficar encantada, — talvez por teimosia, *porque* a mãe ficaria encantada com a ideia de a sua filha querida ter captado o interesse de Seth Quinn, — Dru não tinha qualquer intenção de cultivar esse interesse. Nem sequer o interesse artístico, nem o mais elementar e directo interesse sexual que vira nos olhos dele, ao olhar para ela.

Nem, para ser sincera, o interesse sexual directo que sentira por ele.

Segundo constava, os Quinn eram uma família numerosa, complexa e confusa. Só Deus sabia que já tinha a sua dose de família.

Era uma pena, admitia, batendo com o cartão na palma da mão, antes de o guardar numa gaveta. O jovem mestre era atraente, divertido e interessante. E um homem que se dedicava a comprar flores para as irmãs, e que se certificava de que cada aquisição se adequava ao estilo individual de cada uma, ganhava muitos pontos a seu favor.

— Que pena para os dois, — murmurou ela, e fechou a gaveta com um estalido conclusivo.

Ele estava a pensar em Dru, tal como ela nele, e a ponderar os ângulos, os tons que iam ficar melhor num retrato. Gostava da ideia da visão a três quartos do rosto dela, com a cabeça voltada para a esquerda, mas os olhos a olhar para trás, para fora da tela.

Iria contrastar com a sua atitude descontrainda e chique sensual.

Nunca duvidou do consentimento dela em posar. Tinha todo um arsenal de armas para combater a relutância de uma modelo. Só tinha de decidir a que teria melhor efeito em Drusilla.

Tamborilando os dedos no volante ao som rebelde dos *Aerosmith* que gritava do rádio, Seth pensava nela.

De certeza que vinha de uma família abastada, concluiu. Seth reconhecia o corte de um *designer* e os bons materiais, até mesmo quando estava mais interessado nas formas do que no sentido de estilo. E também havia a cadência da sua voz. A ele, soava-lhe a colégio particular de classe alta.

Citara James McNeill Whistler para dar o nome à loja. O que significava que tinha uma educação refinada, pensava ele, ou que alguém lhe enfiara poesia e literatura na cabeça, como Phil fizera com ele.

Provavelmente, ambos.

Sentia-se confortável com a sua aparência e não vacilava quando um homem demonstrava que se sentia atraído por ela.



Não era casada, e o instinto dizia-lhe que não era comprometida. Uma mulher como Dru não se mudava para arranjar namorado ou amante. Mudara-se de Washington, abrira um negócio e geria-o sozinha porque era assim que queria.

Depois, lembrou-se de como fora rebuscado, ao imaginar a suposta Viúva Whitcomb Banks, e decidiu ir com mais calma e fazer alguma pesquisa antes de a abordar novamente.

Seth estacionou no parque do velho celeiro de tijolo que os Quinn haviam comprado a Nancy Claremont, quando o seu marido casmurro e forreta batera a bota de ataque cardíaco, depois de uma discussão com Cy Crawford por causa de uma sandes de almôndega.

A princípio, alugaram o enorme edifício, que já havia servido de armazém de tabaco em 1700, de casa de embalagens em 1800 e, durante a maior parte dos anos de 1900, de glorioso barracão de mercadorias.

Depois tornou-se estaleiro, transformado e equipado pelos irmãos Quinn. Há oito anos que lhes pertencia.

Seth olhava para o telhado ao sair do carro. Lembrava-se que ajudara a reparar o telhado, e que quase partira o pescoço ao fazê-lo.

Aplicara a mistura da cal a olho e queimara os dedos. Aprendera a pregar tábuas no poço sem fundo da paciência de Ethan. Suara como um porco com Cam, a reparar a doca. E fugira, com todos os meios que estivessem ao seu alcance, sempre que Phil tentara obrigá-lo a fazer a contabilidade.

Foi até à frente do edifício, e ali ficou com as mãos na anca a estudar o letreiro gasto pelo tempo. BARCOS DOS QUINN. E reparou que tinham acrescentado outro nome aos quatro originais.

Aubrey Quinn.

Enquanto ele sorria, ela apareceu à porta.

Trazia um cinto de ferramentas pendurado na anca e um boné de avançado dos *Orioles* puxado sobre a testa. O cabelo, cor de mel queimado, estava puxado e atravessava o boné num rabo-de-cavalo.

As botas de trabalho marcadas e manchadas pareciam de uma boneca.

Tinha uns pés tão pequenos.

E uma voz tão poderosa, pensava ele, ao vê-la soltar um grito de felicidade ao correr para ele.

Saltou e agarrou-se a ele, apoiando-lhe as mãos nos ombros e enrolando as pernas à volta da sua cintura. A pala do boné bateu-lhe na testa quando pressionou a boca na dele, num beijo vigoroso.

— Meu Seth. — Com uma imensa gargalhada sonora, prendeu os braços à volta do pescoço dele. — Nunca mais vás embora. Chiça, nunca mais te atrevas a ir embora.

— Não posso. Acontece muita coisa quando não estou cá. Deixa-me ver, — ordenou ele, e afastou-a o suficiente para lhe estudar o rosto.

Aos dois anos, fora para ele uma pequena princesa. Aos vinte, era uma brasa atlética e atraente.

— Bolas, como estás bonita, — disse ele.

— Sim? Tu também.

— Porque é que não estás na faculdade?

— Não comeses. — Revirou os olhos verdes brilhantes e desceu. — Andei lá dois anos, e teria sido mais feliz numa prisão de alta segurança. É isto que quero fazer. — Esticou o polegar para o letreiro. — E para prová-lo, está ali o meu nome.

— Sempre andaste com Ethan nas palminhas.

— Talvez. Mas não era preciso. O pai percebeu, e passada uma certa resistência, a mãe também. Nunca fui boa aluna como tu, Seth, e tu nunca foste o construtor naval que eu sou.

— Merda. Deixo-te uns anos sozinha e ficas com a mania das grandezas. Já que me vais insultar, não te dou presente nenhum.

— Onde é que estás? O que é? — Atacou-o, espetando-lhe os dedos nas costelas, onde sabia que ele era mais vulnerável. — Dá-me.

— Pára com isso. Ok, ok. Bolas, não mudaste nada.

— Para quê estragar a perfeição? Passa para cá o material e ninguém se magoa.

— Está no carro. — Apontou para o parque de estacionamento e teve a satisfação de ver o queixo dela cair.

— Um *Jag*? Ena pá. — Correu por cima do relvado até ao estacionamento e, num gesto de reverência, passou os dedos pela capota prateada brilhante. — O Cam vai chorar quando o vir. Vai desatar a chorar. Dá-me as chaves para dar uma voltinha.

— Claro, quando as galinhas tiverem dentes.

— Não sejas assim. Podes vir comigo. Passamos pelo Crawford's para comprar... — Interrompeu-se assim que ele tirou a caixa branca comprida da mala do carro. Pestanejou para a caixa, depois para ele antes de os seus olhos ficarem húmidos e brilhantes.

— Compraste flores. Deste-me um presente de menina. Oh, deixa-me ver! Quais são? — Tirou uma faca do cinto de ferramentas, cortou a fita e puxou a tampa para cima. — Girassóis. Olha só que lindos.

— Lembram-me de ti.

— Como te adoro. — Não tirava os olhos das flores. — Fiquei tão chateada contigo por te teres ido embora. — Quando a voz dela estremeceu, ele deu-lhe uma palmada desajeitada no ombro. — Não vou chorar, — murmurou ela e engoliu em seco. — Achas que sou uma mariquinhas?

— Nada disso.

— Ok, bom, de qualquer forma, voltaste. — Virou-se para o abraçar mais uma vez. — Adoro as flores.

— Que bom. — Deu uma palmada na mão que tentava esgueirar-se para o seu bolso. — Não te dou as chaves. Tenho de ir andando. Vou dar flores à Grace. Queria passar por lá, para a ver, a caminho de casa.

— Ela não está lá. Hoje à tarde tem de ir às compras e depois vai buscar o Deke à escola e levá-lo às aulas de piano, e mais não sei o quê. Não sei como ela consegue. Eu levo-lhas, acrescentou Aubrey. — As flores vão tirar o amargo de boca das saudades tuas que sente.

— Diz-lhe que vou tentar passar por lá amanhã, senão vejo-a no domingo. — Tirou a caixa do porta-bagagem e colocou-a na pequena *pick-up* azul.

Aubrey pousou as flores no banco da carrinha, ao lado das da mãe. — Agora tens um tempinho. Vamos chamar Cam para ver o teu carro. Deixa-me que te diga, vai cair para o lado e desatar a chorar como um bebé. Mal posso esperar.

— Tens um lado perverso, Aub. — Seth passou-lhe o braço por cima dos ombros. — Gosto disso em ti. Agora, conta-me o que sabes da florista. Drusilla.

— Aha. — Aubrey olhou de soslaio para ele enquanto se dirigiam para o edifício. — Então, estás inclinado para o lado dela.

— Talvez.

— Fazemos assim. Vai ter comigo ao Shiney's depois do jantar. Por volta das oito. Paga-me um copo e eu debito tudo o que sei.

— És menor.

— Pois, até parece que nunca bebi uma cerveja, — retorquiu. — Um refrigerante, papá. E lembra-te, daqui a seis meses já sou maior de idade.

— Até lá, se for eu a pagar, só bebes Coca-Cola. — Baixou-lhe a pala do boné e arrastou a porta, precipitando os sons de ferramentas eléctricas.

Cam não se foi abaixo nem desatou a chorar, pensou Seth mais tarde, mas babara-se um pouco. Quase caiu de joelhos. Antes mesmo, pensava Seth, ao estacionar à frente do Shiney's Pub, Cam — mais esperto e astuto do que Aubrey — roubara-lhe as chaves para dar uma volta.

Depois, é claro, estiveram cerca de uma hora de roda do carro, a contemplar o motor.

Seth olhou de relance para a *pick-up* ao lado do carro. Uma coisa era certa sobre Aubrey, sempre fora pontual.

Abriu a porta do Shiney's e sentiu como se chegasse a casa outra vez. Era outro lugar obrigatório de S. Cris, pensava. O Shiney's Pub ia sempre ter

aquele aspecto de precisar de uma boa barrela, as empregadas que exibiam valentes pernas e apresentava sempre as piores bandas ao vivo de todo o estado de Maryland.

Enquanto o vocalista massacrava os *Barenaked Ladies*, Seth perscrutava as mesas e o bar, à procura de uma loura pequenina de boné de avançado.

Os olhos dele passaram por ela, e recuaram num ápice.

Ela estava mesmo sentada no bar, urbana e curvilínea, toda de preto, o cabelo cor de mel-escuro a cair em espiral pelas costas, enquanto conversava animadamente com um tipo parecido com Joe College.

Esboçando um esgar, o corpo pronto para o confronto, Seth avançou para mostrar ao Menino College o que acontece quando um gajo se faz à sua irmã.

— És convencido. — A voz de Aubrey estalou como um chicote e despoletou um rosnar na boca de Seth. — És mesmo muito convencido. A rotação do batedor é sólida, o *infield* tem boas luvas. Aqueles tacos vão dar que falar. Quando chegar a altura do Jogo *All-Star*, os *Birds* já ganharam tudo o que havia a ganhar.

— Têm sorte se ganharem um jogo sequer, — ripostou o seu adversário. — E vão descer de divisão quando for a altura do *All Star*.

— Apostas. — Aubrey tirou uma nota de vinte do bolso e bateu com ela no balcão.

E Seth suspirou. Podia ter-se assemelhado a um pãozinho delicioso, mas ninguém mordiscava a sua Aubrey.

— Seth. — Vendo-o, Aubrey esticou o braço, enroscando-o no dele para o puxar até ao bar. — Sam Jacoby, — disse ela, com um aceno na direcção do homem que estava sentado a seu lado. — Acha que porque joga *softball* percebe alguma coisa dos *Bigs*.

— Ouvi falar muito de ti. — Sam estendeu a mão. — Aqui desta sentimentalóide, que acha que os *Orioles* têm hipóteses de safar este campeonato medíocre.

Seth apertou-lhe a mão. — Se quiseres suicidar-te, Sam, compra uma arma. Será menos doloroso do que incitar esta aqui a esfolar-te o corpo inteiro com um canivete.

— Gosto de viver no limite, — retorquiu ele e deslizou do banco. — Senta-te. Estava a guardar o lugar para ti. Tenho de ir andando. A gente vê-se, Aub.

— Em Julho, vais pagar-me os vinte dólares, — gritou ela, e depois mudou a atenção para Seth. — O Sam é um tipo muito porreiro, mas é pena aquela falha grave que o leva a torcer pelos *Mariners*.

— Pensei que ele se estava a atirar a ti.

— O Sam? — Aubrey olhou para trás, na direcção das mesas com um olhar presunçoso e feminino que levou Seth a contorcer-se. — Claro que estava. Estou a deixá-lo de molho. Agora ando com o Will McLean.

— Will? — Seth quase se engasgou. — O Will McLean? — A ideia de Aubrey e um dos seus amigos de infância juntos... daquela forma... levou Seth a fazer sinal ao empregado do bar. — Quero muito uma cerveja. *Rolling Rock*.

— Mas nem nos vemos assim tanto como isso. — Sabendo que estava a dar a volta à conversa, Aubrey continuou, jovial. — Ele é estagiário no Hospital Saint Chris General. Os turnos no hospital são tramados. Mas quando nos conseguimos encontrar, vale bem a pena.

— Cala-te. É velho de mais para ti.

— Sempre gostei de homens mais velhos. — Num gesto deliberado, beliscou-lhe o queixo. — Borracho. Ainda por cima só temos, mais ou menos, cinco anos de diferença. Mas se quiseres falar da minha vida amorosa...

— Não quero. — Seth pegou na garrafa que o empregado lhe pôs à frente, e bebeu um imenso trago. — Não quero mesmo.

— Ok, já chega de falar de mim, vamos antes falar de ti. Com quantos idiomas é que te embrulhaste, quando andavas a vadiar pela Europa?

— Agora pareces o Kevin. — E não era um assunto que gostasse de abordar com Aubrey. — Não entrei numa maratona sexual. Estive a trabalhar.

— Algumas miúdas têm queda para os artistas. Talvez tenhas sorte e a senhora das flores seja uma delas.

— É óbvio que tens convivido de mais com os meus irmãos. Fizeram de ti uma cabeça-de-vento. Conta-me mas é o que sabes sobre ela.

— Está bem. — Agarrou numa taça de aperitivos do bar e começou a roer. — Chegou aqui há cerca de um ano. Andou uma semana a apalpar terreno. Andava à procura de uma loja para alugar, — declarou, com um aceno. — Foi o Doug Motts. Lembras-te do Dougie... um puto roliço? Andava uns anos mais atrasado do que tu na escola.

— Vagamente.

— Bom, perdeu a gordura de bebé. Agora trabalha na Imobiliária da Costa. Segundo ele, ela sabia do que andava à procura, e pediu-lhes que a contactassem em Washington, quando e se surgisse alguma coisa. Mas o Doug... — Apontou para o copo vazio quando o empregado passou. — Ele tinha acabado de entrar para a Imobiliária e queria muito fazer negócio. Por isso, pôs-se a bisbilhotar, para descobrir informações sobre aquela possível cliente. Ela disse-lhe que tinha visitado S. Cris algumas vezes quando era pequena, e isso já deu a Doug um ponto de partida.

— A Mãe Crawford, — disparou Seth, com uma gargalhada.

— Acertaste. O que a Mãe Crawford não sabe, é porque não vale a pena saber. E a mulher tem a memória de uma manada de elefantes. Ela lembrava-se dos Whitcomb Banks. Com um nome destes, quem não se lembraria? Mas foi mais porque se lembrava da Sra. WB, de quando *ela* era pequena e vinha de visita com a família. A família podre de rica. Das Tecnologias Whitcomb. A que faz de tudo. A dos Quinhentos Mais Ricos. A do Senador James P. Whitcomb, o cavalheiro de Maryland.

— Ah. *Esses* Whitcomb.

— Podes crer. O Senador, que deve ser o avô da florista, tinha uma predilecção pela Costa Leste. E a filha dele, a actual Sra. WB, casou com Proctor Banks — que raio de nome é esse, afinal? — das Comunicações Banks e Shelby. Estamos a falar de uma família a nadar em massa. Um império danado.

— E a jovem casadoira e podre de rica Drusilla aluga uma loja junto ao cais em S. Cris e vende flores.

— Compra um edifício em S. Cris, — corrigiu Aubrey. — Comprou aquilo tudo, o melhor espaço para comércio do nosso pequeno reino. Alguns meses depois de Doug se sentar à secretária da Imobiliária da Costa quando ela entrou, aquele lugar ficou à venda. Os anteriores proprietários vivem em PA, alugaram-no a vários comerciantes que tiveram os seus altos e baixos. Lembras-te da loja New Age — pedrinhas, cristais, velas ritualistas e cassetes de meditação?

— Sim. O tipo tinha uma tatuagem de um dragão nas costas da mão direita.

— Aquilo durou mais do que alguém podia imaginar, mas quando o aluguer aumentou no ano passado, o tipo disse-lhe adeus. Doug, a presentir a comissão, dá um telefonema à jovem WB a dizer que apareceu uma loja para alugar no Mercado, e ela deixa-o a salivar, quando lhe pergunta se os proprietários estão interessados em vender. Ao saber que sim, fizeram negócio e ele cantou «Aleluia». Depois ela faz dele o homem mais feliz de S. Cris, quando lhe pede para procurar uma casa também. Aparece, vê as três que ele lhe mostra, gosta da velha casa vitoriana degradada em Oyster Inlet. Um imóvel de primeira, mais uma vez, — acrescentou Aubrey. — A florista tem olho para a coisa.

— Aquela casa azul velha? — Perguntou Seth. — Que parece uma casinha de gengibre meio comida? Ela comprou *aquilo*?

— Sem olhar para trás. — Aubrey acenava, enquanto mordiscava os aperitivos. — Um tipo comprou-a há três anos, fartou-se dela e quis logo vendê-la.

— Aquilo não tem mais nada, a não ser ervas daninhas e matagal.

— Mas ficava na curva do baixio do rio, lembrava-se ele. As águas cor de tabaco que brilhavam como âmbar, quando o Sol resplandecia pelos carvalhos e as árvores-da-borracha.

— A tua menina gosta de privacidade, — comentou Aubrey. — É reservada. Simpática e prestável para os clientes, educada, amigável até, mas com cautela. Tem uma certa frieza.

— É nova por aqui. — Sabia Deus que compreendia como era dar por si num sítio, exactamente com tudo o que queria, sem ter a certeza de ter encontrado o seu lugar.

— É uma forasteira. — Aubrey encolheu um ombro, num gesto típico dos Quinn. — E há-de ser nova aqui nos próximos vinte anos.

— Talvez um amigo lhe faça falta.

— Queres fazer novas amizades, Seth? Alguém que vá deitar o isco contigo?

Ele gesticulou a pedir outra cerveja, e depois debruçou-se até o nariz bater no dela. — Talvez. É isso que tu e o Will fazem nos tempos livres?

— Dispensamos o isco, mas gostamos de nos deitar. Levo-te na traineira, já que estás tão ansioso. Eu vou ao leme. Há tanto tempo que não pegas num que és bem capaz de a virar ao contrário.

— Uma ova. Vamos amanhã.

— Temos encontro marcado. E por falar em encontros, a tua nova amiga acaba de entrar.

— Quem? — Mas ele sabia, mesmo antes de fazer girar o banco. Antes de perscrutar a multidão noctívaga e a encontrar.

Parecia bastante deslocada, no meio dos pescadores, com os rostos curtidos pelo vento e as mãos marcadas, e dos estudantes universitários de sapatos catitas e camisolas largas.

O seu fato ainda estava plissado e perfeito, o seu rosto oval de alabastro à luz mortiça.

Devia saber que fazia girar cabeças quando entrava, pensou. As mulheres sabiam sempre. Mas decidida, contornou as mesas manchadas e as cadeiras tortas, com uma leve graciosidade.

— Estilosa, — foi o adjectivo que veio à mente de Aubrey.

— Oh, sim. — Seth tirou dinheiro para as bebidas e atirou-o sobre o balcão. — Vou dar-te tampa, miúda.

Aubrey arregalou os olhos numa expressão de choque exagerado. — Estou estupefacta.

— Amanhã, — disse ele, e depois baixou-se para lhe dar um beijo rápido antes de se afastar, para interceptar Dru.

Ela parou junto a uma mesa e começou a falar com a empregada.

A atenção de Seth em Dru era tal que levou algum tempo a reconhecer a outra mulher.

Terri Hardgrove. Loura, amuada e bem-feita. Tinham namorado uns meses memoráveis no liceu. Mas não acabara bem. Seth lembrava-se e quase desviou o caminho só para evitar o confronto.

Em vez disso, tentou mostrar um sorriso fácil e continuou até ouvir um pouco da conversa delas.

— Afinal não vou ficar com a casa, — dizia Terri, enquanto equilibrava o tabuleiro na anca. — Eu e o J.J. resolvemos tudo.

— J.J. — Dru inclinava a cabeça. — Aquele traste, patife, mentiroso que nunca mais querias ver à frente, nem que estivesse a dar o último suspiro?

— Bom. — Terri mexia os pés, pestanejando. — Quando disse isso, ainda não tínhamos feito as pazes. E pensei, estás a ver, ele que se lixe, vou arranjar uma casa para mim e voltar ao activo. Foi nessa altura que vi o teu letreiro a dizer *Aluga-se*, e estava tão danada com ele. Mas já resolvemos tudo.

— Foi o que disseste. Parabéns. Teria sido simpático se tivesses aparecido esta tarde, como combinado, para me avisares.

— Peço-te imensa desculpa, mas foi nessa altura...

— Que estavas a resolver as coisas, — concluiu Dru.

— Hei, Terri.

Ela guinchou. De repente fez-se luz na cabeça de Seth que ela sempre guinchara. Aparentemente, não perdera esse hábito.

— Seth! Seth Quinn! Olha só para ti.

— Como vais?

— Muito bem. Ouvi dizer que tinhas voltado, e agora aqui estás tu. Maior do que a vida e giro a dobrar, e também famoso. Os tempos do liceu de S. Cris já lá vão.

— É verdade, — concordou e olhou para Dru.

— Já se conhecem? — Perguntou Terri.

— Vimo-nos antes, — retorquiu Dru. — Vou deixá-los a pôr a conversa em dia sobre os velhos tempos. Espero que tu e o J.J. sejam muito felizes.

— Tu e o J.J. Wyatt?

Terri endireitou-se. — É verdade. Estamos praticamente noivos.

— Depois conversamos. Noutra altura contas-me tudo. — Desapareceu, deixando Terri a fazer beicinho para as suas costas, enquanto ele tentava alcançar Dru.

— J.J. Wyatt, — começou Seth, ao chegar ao lado de Dru. — Trinco ofensivo dos *Sharks* do Liceu de S. Cris. Partiu todas as cabeças que con-



seguiu na universidade local, até que as habilidades de *bulldog* do futebol deixaram de o impedir de chumbar.

— Obrigada pelos pormenores fascinantes da história local.

— Estás chateada. E se te pagasse um copo e me contasses o que aconteceu?

— Não quero beber um copo, obrigada, e vou-me embora antes que os meus tímpanos sofram danos irreversíveis por causa daquela banda aos altos berros e sem o mínimo de talento, a tentar fazer uma versão horrorosa de «Jack and Diane».

Ele decidiu que era um ponto a favor dela, conseguir reconhecer a canção mutilada, e abriu-lhe a porta da rua.

— As flores foram um sucesso.

— Ainda bem. — Tirou as chaves de uma bolsa às riscas coloridas.

Começou a sugerir irem beber qualquer coisa a outro lado, mas conseguia ver a ruga irritada entre as suas sobrancelhas, que acabou por o re-trair.

— Então, tens um espaço para alugar?

— Parece que sim. — Com naturalidade, dirigiu-se para a porta do condutor de um *Mercedes SUV* preto.

Seth agarrou o manípulo antes dela e encostou-se, divertido, à porta. — Onde?

— Por cima da loja.

— E queres alugá-lo?

— Está vazio. Acho que é um desperdício de espaço. Só posso guiar o carro se estiver lá dentro, — comentou ela.

— Por cima da loja, — repetiu ele, e chamou a imagem do edifício à mente. Dois andares, sim, era verdade. — Fileira de três janelas, à frente e atrás, — disse em voz alta. — Deve ter boa luz. Quais são as dimensões?

— Oitenta e quatro metros quadrados, incluindo uma kitchenette.

— É suficiente. Tenho de ir lá vê-lo.

— Perdão?

— Mostra-me o espaço. Posso estar interessado.

Ela abanou impaciente as chaves que tinha na mão. — Queres que te mostre o apartamento agora.

— Se não queres desperdiçar espaço, para quê desperdiçar tempo? — Abriu a porta do carro. — Vou atrás de ti. Não demoro nada, — declarou com um sorriso lento e fácil. — Sou muito rápido a tomar decisões.

## QUATRO

Ela também tomara uma decisão bastante rápida, pensava Dru, ao fazer marcha-atrás no parque de estacionamento. E fisgara Seth Quinn.

Era um homem confiante e talentoso. Um aspecto provavelmente alimentava o outro. Intrigava-a o facto de as suas arestas bicudas conseguirem ter uma camada de verniz, e sabia muito bem que ele tinha consciência disso.

E disso tirava partido.

Era atraente. A constituição magra, esguia, que mais parecia ter sido feita para usar aqueles *jeans* gastos. Aquele imenso cabelo louro-escuro, liso como um pino e nunca penteado. As covas das maçãs do rosto, os olhos azuis vívidos. Não se tratava apenas da vivacidade da cor, pensava ela agora. Era a intensidade. A forma como olhava, quando via algo que mais ninguém conseguia ver. Algo que não se conseguia ver.

Chegava a ser lisonjeador, brusco e algo deslocado ao mesmo tempo.

Dava uma certa curiosidade. E se se tem curiosidade acerca do homem, é porque se está a pensar nele.

As mulheres, concluíra ela, eram como tintas de uma paleta para ele. Podia usar uma a seu bel-prazer. A forma como se enroscara com a loura no bar — um joguinho em que reparou assim que lá entrou — era mais uma prova disso mesmo.

Depois, vira como ele sorrisa à empregada, a tolinha Terri. Um sorriso largo, quente e amistoso, com uma réstia de intimidade. Muito poderoso, aquele sorriso, pensava Dru, mas com ela não ia funcionar.

Os homens que saltavam de mulher em mulher, só porque podiam, eram demasiado vulgares para o gosto dela.

E ali estava ela, tinha de admitir, a conduzir de regresso à loja para lhe mostrar o apartamento do segundo andar, quando o que realmente queria era voltar para a sua casa amorosa e silenciosa.

Claro que era o mais sensato a fazer. Não tinha lógica nenhuma o espaço ficar vazio. Mas não gostara de vê-lo partir do princípio que ela ia perder tempo e incomodar-se, só porque ele assim queria.

Agora não ia ter problemas de estacionamento. Ainda mal eram nove horas de uma fresca noite primaveril, mas o cais estava deserto. Alguns barcos vogavam, balouçando na corrente, pequenos grupos de

pessoas, na maioria turistas, passeavam debaixo da luz do quarto min-guante.

Oh, como ela adorava o cais. Quase gritara de satisfação quando conseguiu ficar com o prédio onde abriu a loja, sabendo que podia sair a qualquer altura do dia para ver a água, os pescadores de caranguejo, os turistas. Para sentir o ar húmido na sua pele.

Mais ainda, para se sentir parte de tudo, por mérito próprio, à sua maneira.

Teria sido mais inteligente, até mais sensato, ficar com o apartamento do segundo andar para viver. Mas ela tomara a decisão consciente e deliberada de não viver onde trabalhava. O que, admitia Dru ao afastar-se da Market para entrar nas traseiras do prédio, fora uma boa desculpa para encontrar um sítio longe do buliço da vila, algures à beira da água também. Um espaço indulgente só para si.

Nunca sentira a casa em Georgetown como sua.

Desligou as luzes, o motor, e depois pegou na mala. Seth estava lá, abriu-lhe a porta antes que ela própria o fizesse.

— Está muito escuro. Cuidado com o degrau. — Pegou-lhe no braço e começou a guiá-la para as escadas de madeira que levavam para o segundo piso.

— Vejo bem, obrigada. — Afastou-se dele, e depois abriu a mala à procura das chaves. — Há estacionamento, — começou ela. — E uma entrada privada, como podes ver.

— Sim, vejo muito bem. Ouve. — A meio caminho das escadas, ele pousou a mão no braço dela, obrigando-a a parar. — Ouve só, — repetiu ele e olhou para a fila de casas alinhadas na rua atrás deles. — É maravilhoso, não achas?

Ela não pôde deixar de sorrir. Percebeu-o perfeitamente. E era maravilhoso, aquele silêncio.

— Daqui a umas semanas já não é este sossego. — Ele perscrutava a escuridão, as casas, os relvados. E ela pensou de novo que ele via o que os outros não conseguiam. — Começa no *Memorial Day*, em que os turistas e os veraneantes chegam aos magotes. As noites ficam mais compridas, mais quentes e as pessoas passeiam na rua. Isso também é fantástico, esse barulho todo. Barulho das férias. Daquele que se ouve quando se tem um cone de gelado na mão e nenhum relógio a dar horas na cabeça.

Ele virou-se, fitando-a com aqueles seus imensos olhos azuis. Ela podia jurar tê-los sentido num estremecer puramente físico.

— Gostas de cones de gelado? — Perguntou ele.

— Haveria alguma coisa de errado comigo, se não gostasse. — Ela movia-se rapidamente a subir o resto das escadas.

— Não tens nada de errado, — murmurou ele, e ficou com os polegares enfiados nos bolsos da frente, enquanto ela destrancava a porta.

Carregou no interruptor na parede para acender as luzes, e num gesto deliberado deixou a porta aberta quando ele entrou.

Viu de imediato que não se devia ter incomodado. Ele nem sequer lhe prestou atenção.

Foi primeiro para a janela da frente, ficou ali a ver a rua, num olhar perdido, que aparentava ser tanto descontraído como atento. E sensual, decidiu ela.

Ele vestia um par de *jeans* com mais estilo do que muitos homens conseguiam ter num fato de cinco mil dólares.

Tinha manchas de tinta nos sapatos.

Ela pestanejou, acordando no momento em que ele começou a murmurar.

— Desculpa?

— O quê? Oh, estou só a calcular a luz: o Sol, os ângulos. Coisas dessas. — Foi até às janelas das traseiras, e ali ficou como fizera nas da frente. Murmurou como antes.

Falava sozinho, percebeu Dru. Bom, na verdade não era assim tão estranho. Ela mantinha conversas inteiras que se passavam na sua cabeça.

— A cozinha... — começou Dru.

— Não importa. — Franzindo o sobrolho, ele fitava o tecto, o olhar tão intenso e concentrado que ela deu por si a olhar também.

Passados alguns segundos de ali estarem, em silêncio, a olhar para cima, ela sentiu-se ridícula. — Há algum problema no tecto? Asseguraram-me que estava bom, e sei que não tem infiltrações.

— Uh-huh. Tens alguma objecção contra clarabóias... se pagar eu a despesa?

— Eu... bom, não sei. Acho que não...

— É capaz de resultar.

Começou a andar pelo apartamento outra vez, a imaginar as telas, as tintas, o cavalete, uma mesa de trabalho para fazer esboços, prateleiras para material e equipamento. Tinha de pôr um sofá, ou uma cama, pensou. Era melhor uma cama, para o caso de trabalhar tão tarde que acabasse por cair para o lado de sono.

— É um bom espaço, — disse ele, por fim. — Com as clarabóias, vai resultar. Fico com ele.

Ela lembrou-se que não tinha concordado realmente com as clarabóias. Mas também, não havia motivo para se opor a elas. — Foi rápido, como disseste. Não queres ver a cozinha, a casa de banho?

— Têm o que todas as cozinhas e casas de banho costumam ter?

— Sim. Não há banheira, só um chuveiro.

— Não tenciono perder-me em banhos de espuma. — Voltou às janelas da frente. — Que bela vista.

— Sim, é muito boa. Não é que tenha alguma coisa a ver com isso, mas presumo que tenhas imensos sítios onde ficar quando cá vens. Para que é que precisas de um apartamento?

— Não quero vir para aqui viver, mas sim trabalhar. Preciso de espaço para um estúdio. — Virou-se para trás. — Estou a ficar em casa de Cam e Anna, e estou a gostar. Hei-de arranjar uma casa para mim, mas só quando encontrar mesmo o que procuro. É que não estou de visita a S. Cris. Vim para ficar.

— Estou a ver. Bom, então precisas de um estúdio. Daí as clarabóias.

— Sou uma aposta melhor do que a Terri, — comentou ele, ao sentir a hesitação dela. — Não vai haver festas barulhentas nem jogos aos altos berros, e ela é famosa por isso. E sou jeitoso.

— A sério?

— Com mudanças, levantar móveis, manutenção geral. Não vou aparecer a chorar sempre que a torneira estiver a pingar.

— Pontos a teu favor, — murmurou ela.

— De quantos é que preciso? Quero muito ficar com o espaço. Preciso de voltar ao trabalho. O que me dizes a um aluguer de seis meses?

— Seis meses. Tinha pensado num ano de cada vez.

— Seis meses dá a ambos a oportunidade de desistir cedo, se não estiver a resultar.

Ela mordeu os lábios, pensativa. — Tens razão.

— Quanto pedes pelo aluguer?

Ela informou-o da renda mensal que havia decidido. — Preciso do primeiro e do último mês de renda adiantados quando assinares o contrato. E outro mês como fiança.

— Ouch. Muito rígida.

Agora, ela sorria. — Chateei-me com a Terri. Agora és tu quem paga.

— Não é a primeira vez que ela me sai cara. Amanhã pago-te. No domingo tenho um compromisso familiar, e tenho de encomendar as clarabóias, mas gostava de começar já a mudança.

— Tudo bem. — Ela gostou da ideia de o ter a pintar por cima da loja dela, de saber que o prédio cumpria o seu potencial. — Parabéns, — disse ela e ofereceu a mão. — O estúdio é teu.

— Obrigado. — Pegou-lhe na mão, segurando-a. Sem aliança, pensava novamente. Dedos compridos, de fada, e unhas sem verniz. — Já pensaste se vais posar para mim?

— Não.

O sorriso dele reluziu perante a resposta directa e precisa. — Eu conço-te.

— Não me levam com facilidade. É melhor esclarecermos já isso, antes de começarmos o que me parece vir a ser uma satisfatória relação comercial.

— Ok, também acho. Tens um rosto forte e lindo. E como artista, como homem, sinto-me atraído pelas qualidades da força e da beleza. O artista gosta de as transmitir. O homem gosta de as apreciar. Por isso, gostava de te pintar, e gostava de passar algum tempo contigo.

Apesar da brisa que dançava pelas portas abertas, ela sentiu-se demasiado sozinha com ele. Sozinha e encurralada pela forma como ele lhe segurava na mão, lhe prendia o olhar.

— Tenho a certeza que tiveste a tua quota-parte de mulheres para transmitir e apreciar. Como aquela loura bombástica de preto, com que estavas enrolado no bar.

— Quem...?

A diversão espalhou-se pelo rosto dele. Era, pensava Dru, como irromper através das trevas.

— Loura Bombástica de Preto, — repetiu ele, encarando a descrição como um título. — Céus, ela vai *adorar*. Vai ficar impossível de aturar. Era Aubrey. Aubrey Quinn. A filha mais velha do meu irmão Ethan.

— Estou a ver. — E sentiu-se como uma idiota. — Não parecia um relacionamento nada avuncular.

— Não me vejo como tio dela. É mais um relacionamento de irmão mais velho. Ela tinha dois anos quando eu vim para S. Cris. Apaixonámo-nos logo. A Aubrey foi a primeira pessoa que algum dia amei, completamente. Também transborda beleza e força, e podes ter a certeza que as transmiti e as apreciei. Mas não da mesma forma que gostava de apreciar as tuas qualidades.

— Sinto que vais ficar desiludido. Mesmo se estivesse interessada, não tenho tempo para posar, e não tenho inclinação para ser apreciada. És muito atraente, Seth, e se eu fosse uma pessoa fútil...

— Pois. — Outro sorriso brilhante e reluzente. — Vamos ser fúteis.

— Desculpa. — Mas ele plantara-lhe outro sorriso. — Desisti. Se tivesse sido, talvez *eu te* conseguisse apreciar. Mas nesta situação, vamos contentar-nos com o mais prático.

— Podemos começar por aí. Já que me fizeste uma pergunta há pouco, eu posso fazer-te outra.

— Está bem, o quê?

Ele viu pela forma como o seu rosto se fechou, cheio de sombras, que

ela estava perante algo mais pessoal a que não gostaria de responder. Por isso, mudou de direcção. — Gostas de caranguejos suados?

Ela ficou a olhar para ele quase dez segundos, e deu-lhe o prazer de ver o seu rosto descontrair. — Sim, gosto de caranguejos suados.

— Ótimo. Vamos comer no nosso primeiro encontro. Passo por aqui de manhã para assinar o contrato, — acrescentou, ao dirigir-se para a porta aberta.

— De manhã parece-me bem.

Ele olhou para baixo, enquanto ela se debruçava para trancar a porta atrás dele. Tinha o pescoço comprido e elegante. O contraste entre ele e o corte severo do cabelo negro era audaz e dramático. Sem pensar, passou o dedo pela curva, só para provar a textura.

Ela gelou, e naquele instante foram um retrato de si mesmos. A mulher de fato colorido, ligeiramente debruçada sobre uma porta fechada, e o homem de roupas simples, com a ponta do dedo no colo do seu pescoço.

Ela endireitou-se com um movimento brusco e Seth deixou a mão cair. — Desculpa, é um hábito irritante que tenho.

— Tens muitos?

— Receio que sim. Mas esse não é nada pessoal. O teu pescoço tem uma bela expressão. — Enfiou as mãos nos bolsos para que não se tornasse pessoal. Por enquanto.

— Sou perita em expressões, belas ou não. — Levantou vento ao passar por ele e desceu os degraus.

— Hei. — Correu atrás dela. — Tenho expressões melhores do que essa.

— Posso apostar que sim.

— Posso experimentar algumas em ti. Mas entretanto... — Abriu a porta do carro. — Tens um espaço de arrecadação?

— Um quarto utilitário. Ali. — Gesticulou na direcção de uma porta por baixo dos degraus. — Caldeira de aquecimento e água quente, esse tipo de coisas. E espaço para arrumação.

— Se precisar, posso guardar ali uns pertences até ter tudo arrumado? Vou mandar vir algumas coisas de Roma. Devem chegar na segunda-feira.

— Não há problema nenhum. A chave está na loja. Lembra-me de ta dar amanhã.

— Obrigado. — Fechou-lhe a porta quando ela entrou, e depois bateu à janela. — Sabes, — disse quando ela desceu a janela, — gosto de passar tempo com uma mulher inteligente e confiante, que sabe o que quer e luta por o conseguir. Como a forma como compraste este lugar. Muito sensual, esse tipo de determinação e dedicação.

Ele esperou um segundo. — Isso foi outra expressão.

Ela manteve os olhos nos dele, entrepondo novamente o vidro entre os dois rostos.

E só quando se afastou é que se permitiu rir entre dentes.

O melhor dos domingos, na opinião de Dru, era acordar devagar, e depois agarrar-se àquele estado de sonho intermédio, enquanto a luz do Sol trespassava as árvores, deslizando pelas janelas e dançando nas suas pálpebras fechadas.

Aos domingos, gostava de saber que não tinha de fazer nada, apesar do muito que podia fazer.

Fizera café e torrara um bolinho na sua cozinha, e depois tomara o pequeno-almoço na salinha de jantar, desfolhando catálogos de floristas.

Passeou pelo jardim que plantara — com as próprias mãos, sim senhora — enquanto ouvia música.

Não havia nenhum almoço de caridade, nem passeio comunitário, nem jantar de família obrigatório, nem sequer um jogo de ténis no clube a preencher-lhe os domingos.

Não havia disputas matrimoniais entre os pais para arbitrar, nem ressentimentos ou olhares magoados, porque um achava que ela tinha tomado o partido do outro.

Não havia mais nada, apenas um domingo e o respectivo apreço ocioso.

Nos vários meses em que vivera ali, nunca o tomara como garantido. Nem perdera uma gota do prazer imenso que lhe dava ficar a olhar pelas suas janelas.

Era o que fazia agora, abrindo a janela ao fresco da manhã. Dali, podia contemplar a sua curva privada do rio. Não tinha casas no caminho que a levassem a pensar nas pessoas, quando a única coisa que queria era estar.

Via as folhas salpicadas das hepáticas que plantara à sombra dos carvalhos, os botões de um rosa-cereja. E os lírios do vale com as campainhas já a dançar. E ali mesmo, a erva e os juncos do pântano com a pequena clareira que deixara para as íris amarelas-douradas que gostavam dos pés húmidos.

Conseguia ouvir os pássaros, a brisa, o saltar ocasional de um peixe ou de um sapo na água.

Esquecendo-se do pequeno-almoço, vagueou pela casa até à porta da rua, para se deixar ficar na varanda a contemplar. Trazia vestidos os *boxers* e a camisola com que dormira, e não havia ninguém para comentar os propósitos da neta do senador. Nenhum jornalista nem fotógrafo à procura de um furo para as páginas cor-de-rosa.



Apenas o sossego, o fantástico sossego.

Pegou no regador e levou-o para dentro, enquanto ia preparando o café.

Seth Quinn tivera razão acerca de uma coisa, pensava. Ela era uma mulher que sabia o que queria e que lutava por isso. Talvez tivesse levado algum tempo a perceber o que era, mas assim que percebeu, tomou a atitude necessária.

Queria montar um negócio onde se sentisse criativa e feliz. E estava determinada a ter êxito, por direito próprio. Brincara com a ideia de um pequeno infantário ou um serviço de jardinagem.

Mas não estava totalmente confiante nas suas capacidades para isso. As suas aventuras na jardinagem tinham-se confinado ao pequeno quintal em Georgetown, e às plantas nos vasos. E apesar de estar muito orgulhosa dos seus esforços nesse sentido, e maravilhada com os resultados, isso não fazia dela uma perita no assunto.

Mas sabia de flores.

Quisera uma pequena vila, onde o sossego fosse fácil e as exigências poucas. E quisera estar perto da água. Sempre se sentira atraída pela água.

Adorava a envolvimento de S. Cristóvão, o aprumo alegre e os tons e humores em mutação constante da Baía. Gostava de ouvir o rumor das bóias de marcação no canal, e a chamada gutural de um farol quando o nevoeiro se instalava.

Acostumara-se e sentia-se bastante confortável com a simpatia casual dos locais. E o carinho que levava Ethan Quinn a saber como ela estava quando caiu uma tempestade, no Inverno anterior.

Não, nunca mais ia viver para uma cidade.

Os seus pais teriam de continuar a habituar-se à distância que ela colocara entre eles. Geográfica e emocionalmente. No final de contas, tinha a certeza de que era o melhor para todos os envolvidos.

E ainda agora, por mais egoísta que parecesse, ela estava mais preocupada com o que era melhor para Drusilla.

Fechou a torneira e, depois de provar o café, levou-o com o regador lá para fora para regar as plantas.

Eventualmente, pensou, teria de acrescentar uma estufa para poder testemunhar o crescimento das flores para venda. Mas teriam de a convencer de que podia acrescentar a estrutura sem estragar as linhas harmoniosas da casa.

Adorava os seus picos e a traça ornamentada como um bolinho de gengibre. A maioria das pessoas devia achá-la foleira, toda trabalhada num tom azul bem escuro, ali no meio do matagal e do pântano. Mas para ela, tratava-se de uma afirmação.

A nossa casa pode estar exactamente onde queremos, ser exactamente o que queremos que seja, se o desejarmos bastante.

Ela pousou o café numa mesa e podou um canteiro repleto de verberna e heliotrópio.

Um ruído fê-la olhar em redor. Viu uma garça-real levantar voo como um rei sobre a erva alta, sobre as águas castanhas.

— Sou feliz, — disse ela em voz alta. — Sou mais feliz do que alguma vez fui na vida.

Decidiu esquecer o bolinho e os catálogos e entregou-se antes à roupa de jardinagem.

Durante uma hora, trabalhou do lado da casa banhado pelo Sol, onde estava determinada a estabelecer uma combinação de arbustos e canteiros de flores. Os botões vermelho-sangue dos rododendros que plantara na semana anterior fariam um contraste marcado com o azul da casa, assim que começassem a despontar. Passara todas as noites, durante um mês no Inverno, a planear aquelas flores. Queria que tivessem um aspecto simples e um pouco selvagem, como o jardim de uma cabana louca com columbinas e delfínios, trepadeiras simpáticas e emaranhadas.

Havia toda a espécie de arte, pensava presumidamente, ao plantar cepos fragrantes. Imaginava que Seth ia aprovar as suas escolhas de tonalidades e texturas.

Não que isso importasse, claro. O jardim era para seu agrado. Mas gostava de pensar que um artista achava os seus esforços criativos.

Certamente que ele não tivera muito a dizer sobre si, no dia anterior, lembrava-se ela. Entrara de rompante assim que ela abriu as portas, entregou-lhe o montante combinado, deixou a assinatura no contrato, pegou nas chaves e trancou-se lá dentro.

Nada de jogos de sedução, nem sorrisos persuasores.

Ainda melhor para ela, lembrava-se. Naquele momento, o que menos queria era ser seduzida ou persuadida.

No entanto, teria sido agradável, a um certo nível, imaginar que guardava aquela opção para desfrutarem mais tarde.

Era possível que ele tivesse um encontro de sábado de manhã com uma das mulheres que haviam desesperado por ele enquanto estivera fora. Dava a sensação de ser do tipo que desesperava as mulheres. Aquele cabelo despenteado, a constituição magra.

E as mãos. Como era possível não reparar nas mãos dele — palmas grandes, dedos compridos. Com uma elegância rude que punham uma mulher — algumas mulheres, corrigiu ela — a fantasiar com as suas carícias.

Dru apoiou-se nos saltos com um suspiro, por saber que pensara tempo de mais naquela imagem. Apenas por ser o primeiro homem por quem se sentia atraída em... céus, há quanto tempo já?

Há quase um ano que nem sequer saíra com alguém.

Fora opção sua, lembrava-se. E não ia mudar de ideias e acabar com Seth Quinn e os caranguejos suados.

La continuar como estava, a tratar da casa, a gerir o negócio enquanto ele tratava do dele, e todos os dias pintava sobre a sua cabeça.

Habitudara-se à sua presença lá em cima, e depois deixara de reparar. Quando acabasse o contrato, logo viam se...

— Bolas. A chave da despensa.

Esquecera-se de lha dar. Bom, ele esquecera-se de a lembrar que tinha de lha dar.

*Não é problema meu*, pensava ela e puxou uma erva daninha. Era ele que queria usar a arrecadação, e se não estivesse com tanta pressa em ir embora, ter-se-ia lembrado de lhe dar a chave.

Plantou gerânios, juntou esporeiras. Depois, a praguejar, levantou-se.

La matutar naquilo o dia todo. Ia ficar obcecada, admitia ela ao vaguear pela casa. Estava preocupada, a pensar no que estaria para chegar de Roma no dia seguinte. Era mais fácil pegar na cópia que tinha ali em casa, ir até casa de Anna Quinn e entregar-lha.

Não ia demorar mais de vinte minutos, e podia passar pelo viveiro enquanto estava na rua.

Guardou as luvas e as ferramentas de jardinagem num cesto que estava na varanda.

Seth pegava na corda que Ethan lhe lançara e prendia o barco de madeira à doca. As crianças saltaram primeiro. Emily com o longo corpo de bailarina e o cabelo de girassóis, e Deke, desajeitado como um cachorrinho com catorze anos.

Seth passou o braço à volta do pescoço de Deke e olhou para Emily.  
— Não devias ter crescido na minha ausência.

— Foi inevitável. — Ela pousou o rosto no dele e sentiu-o macio. — Bem-vindo a casa.

— Quando é que comemos? — Indagou Deke.

— Este gajo é um poço sem fundo. — Aubrey saltou graciosamente para a doca. — Ainda há cinco minutos comeu quase metade de um pão francês.

— Estou em crescimento, — disse ele, a rir. — Vou dar a volta à Anna, para ver se ela faz o que eu quero.

— Tens-te em muito boa conta, — disse Emily, abanando a cabeça. — É um mistério.

O *retriever* da Baía de Chesapeake que Ethan baptizara de Nigel aterrou na água com um ruído de felicidade, e depois nadou para a margem e desatou a correr atrás de Deke.

— Dá-me aqui uma ajuda, Em, já que aquele patife fugiu. — Aubrey agarrava numa asa da geleira que Ethan pousara na doca. — A mãe deve estar com água na boca, — disse para Seth, quase sem fôlego. — Está muito ansiosa por te ver.

Seth saiu do barco, estendeu a mão e envolveu a de Grace. Se Aubrey fora a primeira pessoa que amara, Grace fora a primeira mulher que amara e em quem confiara.

Os braços dela deslizaram à volta dele ao pisar a doca, e o seu rosto roçou o dele com a mesma doçura feminina da mão de Emily. — Mas que bom, — disse baixinho, com um sorriso suspirado. — Que bom, sabe mesmo bem. Agora tudo está no devido lugar.

Inclinou-se para trás e sorriu para ele. — Obrigada pelas túlipas. São lindas. Tive pena de não estar em casa.

— Eu também. Ainda pensei em trocá-las pelas batatas fritas caseiras. As tuas ainda são as melhores.

— Vem jantar amanhã. Faça-te umas.

— Com carne picada no pão. O Deke vai adorar.

— E bolo de chocolate?

— Um tipo tem expectativas, por um ramo de flores, — comentou Ethan.

— Pelo menos não as roubei do jardim da Anna, para depois pôr as culpas nos veados e nos coelhos inocentes.

Ethan pestanejou, lançando um olhar agastado na direcção de casa, para se certificar que Anna não tinha ouvido. — Não vamos falar disso outra vez. Já foi há quase vinte anos, e ela ainda está capaz de me arrancar o escalpe por causa disso.

— Ouvi dizer que as compraste naquela florista muito bonita na Market Street. — Grace enrolou o braço à volta da cintura de Seth, enquanto se dirigiam para casa. — E que alugaste o apartamento por cima da loja, como estúdio de trabalho.

— As notícias correm depressa.

— Depressa e bem, — concordou Grace. — Porque é que não me contas tudo?

— Ainda não há nada para contar. Mas estou a trabalhar nisso.

Ela estava a ficar atrasada, e a culpa era sua. Não havia motivo nenhum,

pelo menos racional, para que se sentisse compelida a tomar duche e a despir a roupa de jardinagem. Claro que não havia motivo, pensava ela, irritada consigo mesma, para perder tempo do seu precioso domingo de roda da maquilhagem.

Agora já passava do meio-dia.

Não importava, convencia-se. Estava um dia lindo para um passeio de carro. Ia perder dois minutos com Seth Quinn e a chave, e depois ia regozijar-se no viveiro.

Claro que depois teria de *voltar* a vestir a roupa de jardinagem, mas não seria para já. Tratara das plantas, fizera limonada fresca e sentara-se a apreciar o gozijo de um trabalho bem feito.

Sentir o ar! Pleno de Primavera, húmido da água. Os campos de ambos os lados da estrada estavam arados e semeados, e o verde já começava a brotar da terra. Conseguia sentir o cheiro acre do adubo, os tons mais ricos da terra, que davam a conhecer a Primavera no campo.

Deu a curva, apanhando um raio de Sol nas poças de lama, antes de as árvores dominarem com as suas sombras profundas.

A velha casa branca era perfeita naquele cenário. Ladeada pelo bosque, com as traseiras banhadas pela água e o relvado cuidado e cheio de flores a delimitar a frente. Ela já a havia apreciado antes, a sua imponência, tão acolhedora e confortável com os balouços de alpendre e as persianas de um tom azul-desmaiado.

Se por um lado se identificava perfeitamente com o temperamento e a privacidade da sua casa, também conseguia apreciar o carácter da casa dos Quinn. Incutia-lhe uma sensação de ordem, sem qualquer classificação. Era o tipo de casa, reflectia, onde se podia pôr os pés em cima da mesinha de café.

Ninguém sonharia em pousar o calcanhar na mesa Luís XIV da mãe. Nem sequer o pai.

O número de carros no estacionamento levou-a a franzir o sobrolho. Um *Corvette* branco — clássico, presumia — uma espécie de *SUV* que parecia já ter alguma rodagem. Um descapotável pequenino e divertido, uma carrinha de mercadorias amolgada e de aspecto deplorável que devia ter uns vinte anos, uma *pick-up* máscula e um *Jaguar* brilhante e musculoso.

Ela hesitou, e depois atribuiu os veículos mentalmente. O *SUV* era o carro da família. O *Vette* sem dúvida que pertencia ao antigo piloto de velocidade Cameron Quinn — que devia usar a carrinha como veículo de trabalho, ficando Anna com o descapotável e a lata velha era do filho mais velho, que já devia ter idade para conduzir.

O *Jag* era de Seth. Reparara nele, com alguma admiração, na noite

anterior. E mesmo que não tivesse reparado, ouvira as histórias dos clientes da loja sobre a sua recente aquisição.

Estacionou atrás dele.

Dois minutos, lembrava-se, e agarrou a bolsa ao desligar o motor.

De imediato, ouviu a música bem alto. Eram os adolescentes, imaginou ela, enquanto se dirigia para a porta principal, os passos marcando sem querer o ritmo dos *Matchbox 20*.

Ela admirava os vasos e os tubos de flores no alpendre. Sabia que Anna tinha imenso jeito para combinar flores. A princípio bateu à porta com leveza, mas antes de suspirar, cerrou o punho e bateu de novo.

Ninguém a ia ouvir com aquela música a tocar, nem que usasse artilharia pesada.

Resignada, desceu do alpendre e dirigiu-se para a parte lateral da casa. Agora ouvia mais do que música. Ouvia gritos, guinchos e o que só conseguia descrever como risos histéricos.

Os miúdos deviam estar a dar uma festa. Ia pelas traseiras, entregava a chave a um dos filhos de Anna e seguia caminho.

O cão apareceu primeiro, como uma bala de canhão de pêlo preto de língua pendurada. O seu latido parecia uma metralhadora, e apesar de gostar muito de cães, Dru estacou por precaução.

— Olá. Ah, cão lindo.

Ela deve ter encarado o gesto como um convite a desenhar dois círculos frenéticos à sua volta, e depois levou o nariz à sua virilha.

— Ok. — Levou a mão firme abaixo do seu maxilar e ergueu-o. — Isso já é confiança a mais. — Deu-lhe uma pequena festa e um ligeiro empurrão, e conseguiu dar mais um passo, antes de o rapaz aparecer a gritar pelo lado da casa. Apesar de levar na mão uma enorme pistola de plástico, parecia bater em retirada.

Conseguiu contorná-la. — É melhor fugir, — vociferou, um instante antes de ela ver o *flash* de movimento no canto do olho.

Um segundo antes de ser alvejada no coração, por um esguicho de água gelada.

O choque foi tão grande que a boca continuava aberta, sem conseguir emitir qualquer som. Mesmo atrás dela, o miúdo murmurou: — Uh-oh.

E desertou do campo de batalha.

Seth, de pistola de água na mão, o cabelo a pingar do ataque anterior, perdeu o olhar em Dru. — Oh, merda.

Desarmada, Dru olhou para baixo. A saia vermelha frisada e as calças azul-marinho estavam ensopadas. O esguicho chegara-lhe ao rosto, desperdiçando completamente o tempo que passara a aplicar maquiagem.

Ergueu o olhar, que passou de abismado a fulminante, ao reparar que Seth parecia estar a enfrentar sérias dificuldades para não se rir.

— Estás *louco*?

— Desculpa. A sério. — Engoliu em seco, sabendo que a gargalhada que lutava por lhe saltar da garganta o ia arruinar. — Desculpa, — conseguiu dizer, ao aproximar-se dela. — Queria apanhar Jake... o patife molhou-me. Foste apanhada no fogo cruzado. — Tentou esboçar um sorriso sedutor, e tirou um lenço do bolso de trás dos *jeans*. — O que prova que existem danos colaterais na guerra.

— O que prova, — disse ela entre dentes, — que alguns homens são idiotas a quem não se pode confiar um brinquedo de crianças.

— Hei, hei, isto é uma Super Ensopa 5000. — Levantou a pistola de água mas, ao perceber o brilho no olhar dela, baixou-a de imediato. — Bom, lamento imenso. Que tal uma cerveja?

— Podes pegar na cerveja e na Super Ensopa 5000 e...

— Seth! — Apressada, Anna contornou a casa e soltou um imenso suspiro. — Seu idiota.

— Jake, — disse ele entre dentes e jurou vingança. — Anna, estávamos só...

— Caluda. — Apontou-lhe o dedo e passou o braço por cima do ombro de Dru. — Peço desculpa pelos parvalhões dos miúdos. Coitadinha. Vamos lá para dentro vestir qualquer coisa seca.

— Não, a sério, deixa-me só...

— Insisto, — interrompeu Anna, guiando-a para a frente da casa. — Mas que recepção. Diria que as coisas não costumam ser tão doidas por aqui, mas estaria a mentir.

Mantendo a mão firme em Dru, — Anna sabia quando alguém estava tentado a fugir, — levou-a para casa e subiram ao primeiro andar.

— Hoje está um pouco mais alucinado, uma vez que está cá a malta toda. São as boas-vindas ao Seth. Os rapazes vão cozer uns caranguejos. Ficas connosco.

— Nem pensar em incomodar. — O seu estado de espírito estava a deslizar rapidamente para o embaraço. — Passei por cá para deixar a chave da arrecadação a Seth. Devia mesmo...

— Veste qualquer coisa seca, come e prova um vinho, — disse Anna, acolhedora. — Os *jeans* de Kevin devem servir. — Do seu próprio armário, tirou uma camisola de algodão azul. — Vou ver se encontro um par naquele buraco negro do quarto dele.

— É só um bocadinho de água. Devias estar lá em baixo com a família. Tenho de ir andando.

— Querida, estás ensopada e a tremer. Agora, livra-te dessa roupa

molhada. Pomo-la na secadora enquanto comemos. Não demora nada.

Posto isto, saiu e deixou Dru sozinha no quarto.

A mulher não parecera ser tão... formidável, decidiu Dru, nas visitas que fizera à florista. Perguntava-se se alguém um dia ganhara uma discussão com ela.

Mas a verdade era que estava gelada. Cedendo, despiu a blusa molhada, soltou um pequeno suspiro e despiu o soutien também encharcado. Estava a abotoar-se quando Anna voltou.

— Sucesso. — Ofereceu a Dru um par de *Levi's*. — A camisola ficou bem?

— Sim, está ótima. Obrigada.

— Traz a roupa molhada para a cozinha assim que estiveres pronta. — Chegou-se à porta novamente, e virou-se para trás. — E Dru? Bem-vinda à casa de doidos.

Andava lá perto, pensava Dru. Conseguia ouvir os gritos e as gargalhadas, a música alta pela janela aberta. Parecia-lhe que metade de S. Cristóvão estava a dar uma festa no quintal dos Quinn.

Mas assim que espreitou lá para fora, percebeu que todo aquele barulho era responsabilidade só dos Quinn. Havia adolescentes de vários tamanhos e géneros a correr de um lado para o outro, e dois, não, três cães. Ou melhor, quatro, reparou ela ao ver um *retriever* enorme a sair da água e a correr para o relvado, onde se sacudiu e salpicou o máximo de pessoas possível.

O rapaz que Seth andava a perseguir fazia exactamente o mesmo. Obviamente que Seth tinha conseguido apanhá-lo.

Os barcos estavam atracados à doca — o que imaginava explicar a razão de o número de carros na entrada não corresponder à quantidade de participantes do piquenique.

Os Quinn velejavam.

Também se mostravam barulhentos, molhados e desorganizados. A cena lá em baixo não podia ser mais diferente dos eventos sociais dos pais dela, bem como das reuniões familiares. Ouviriam música clássica baixinho. As conversas seriam calmas e ordeiras. E as mesas seriam postas com minúcia, respeitando uma espécie de temática engenhosa.

A mãe dela era brilhante com temas, e ditava os seus desejos mais directos ao responsável pelo *catering*, que dominava a arte de receber.

Não tinha a certeza se sabia socializar, nem que fosse por instantes, no meio daquele caos. Mas não podia deixar de o fazer, para não parecer indelicada.

Vestiu as *Levi's*. O rapaz — Kevin, como achava que Anna dissera — era alto. Tinha de enrolar as calças várias vezes em bainhas coçadas.



Olhou de relance para o bonito espelho com moldura de madeira por cima da cómoda e, suspirando, pegou num lenço de papel para limpar os borrões de rímel debaixo dos olhos, culpa do duche inesperado.

Recolheu todos os pertences molhados e começou a descer as escadas.

Na sala havia um piano. Parecia antigo e bastante usado. Os lírios vermelhos que vendera a Seth repousavam por cima dele, numa jarra de cristal, emanando o seu perfume no ar.

O sofá parecia novo, o tapete velho. Tinha todo o ar de uma sala de família, pensava Dru, com cores alegres, almofadas confortáveis, alguns pêlos de cão dispersos e o toque feminino das flores e das velas. Um pouco por toda a parte havia fotografias, todas em molduras diferentes. Não houvera qualquer esforço de coordenação, e era mesmo esse o encanto delas, concluiu.

Havia quadros — paisagens marítimas, paisagens citadinas, naturezas mortas — que tinha a certeza serem de Seth. Mas foi um adorável pequeno esboço a lápis que lhe atraiu a atenção.

Tratava-se da casa branca desconexa, rodeada pelo bosque, na orla da água. Dizia, com uma total simplicidade: *O lar é aqui*. E tocou-lhe num ponto que a deixou emocionada.

Aproximando-se, estudou a assinatura cuidada no canto inferior. Uma assinatura tão cuidada que reconheceu ser a de uma criança, antes mesmo de ler a data impressa por baixo.

Ele havia-o desenhado em pequeno, percebeu ela. Um mero rapaziinho a desenhar a sua casa — e já reconhecendo o seu valor, com talento e perspicácia suficientes para traduzir esse valor, o conforto e a estabilidade com o lápis.

Indefeso, o seu coração amoleceu a imagem que tinha dele. Podia ser um idiota com uma pistola de água de dimensões exageradas, mas era um homem bom. Se a arte reflectisse o artista, era um homem muito especial.

Seguiu as vozes até à cozinha. Reconheceu imediatamente que se tratava de outro centro familiar, comandado por uma mulher que levava a culinária a sério. As bancadas compridas eram de um branco alvo, conseguindo um contraste brilhante e feliz com os contornos vermelho-maçã. Estavam cobertas de travessas e tigelas cheias de comida.

Seth tinha o braço por cima dos ombros de Anna. Tinham as cabeças juntas e apesar de ela continuar a desembrulhar uma tigela, havia unidade naquele gesto.

Amor. Dru conseguia senti-lo a fluir por toda a divisão, o seu movimento simples, forte e contínuo. A algazarra podia continuar lá fora, o movimento incessante de pessoas a sair e a entrar pela porta das traseiras, mas os dois constituíam uma pequena ilha de afecto.

Ela sempre se sentira atraída por aquele tipo de ligação, e deu por si a sorrir para eles, antes de a mulher — que devia ser Grace — fechar o enorme frigorífico com outra travessa na mão.

— Oh, Dru. Dá-me cá, eu trato disso.

Grace pousou a travessa; Anna e Seth viraram-se. E o sorriso de Dru desfez-se em cortesia.

O seu coração podia ter amolecido em relação ao artista, mas não ia permitir que o idiota se safasse com tanta facilidade.

— Obrigada. Na verdade, estão apenas húmidas. A camisa é que está pior.

— Pior fiquei eu. — Seth inclinou a cabeça na direcção de Anna, antes de avançar. — Desculpa. A sério. Não sei como te confundi com um miúdo de treze anos.

Ela lançou-lhe um olhar tão frio que podia ter congelado um lago em dez segundos. — Porque é que não admitimos que eu estava no lugar errado à hora errada, e ficamos por aqui?

— Não, estás no lugar certo. — Pegou-lhe na mão e levou-a aos lábios no que ela imaginava ser a ideia dele de um gesto encantador. E raios partam se não era. — E é sempre a hora certa.

— Tretas, — foi a opinião de Jake, ao fazer girar a porta das traseiras. — Os caranguejos estão ao lume, — informou a Seth. — O pai quer esse cu lá fora.

— Jake!

Jake lançou à mãe um olhar inocente. — Sou apenas o mensageiro. Estamos *esfomeados*.

— Toma. — Anna enfiou-lhe um ovo apimentado na boca. — Agora, leva isto lá para fora. Depois volta, sem bater com a porta, e pede desculpa a Dru.

Jake grunhiu com o ovo na boca e levou a travessa lá para fora.

— A culpa não foi dele, — começou Dru.

— Se não foi desta vez, foi de outra. Ele tem sempre culpa de alguma coisa. Queres um copo de vinho?

— Sim, obrigada. — Era óbvio que não ia conseguir fugir. Na verdade, estava curiosa acerca da família que vivia num esboço a carvão de um jovem artista. — Ah, posso ajudar nalguma coisa?

— Pega no que quiseres e leva lá para fora. Daqui a nada damos de comer às massas.

Anna ergueu as sobranceiras enquanto Seth pegava numa bandeja, e depois empurrou a porta para Dru passar com a taça de salada de couve. Em seguida, Anna agitou as sobranceiras na direcção de Grace. — Eles ficam giros, os dois.

— Pois ficam, — concordou Grace. — Gosto dela. — Deslizou para a porta, na tentativa de espiar com Anna. — À primeira vista, parece um pouco distante, mas depois amolece... ou descontrai, talvez. É muito bonita, não achas? E tão... educada.

— O dinheiro costuma dar um brilho especial. Ainda tem uma postura algo rígida, mas se este grupo não for capaz de a soltar, nada será. Seth está muito atraído por ela.

— Já reparei. — Virou a cabeça para Anna. — Talvez devêssemos saber mais coisas sobre ela.

— Leste-me os pensamentos. — Voltou atrás para ir buscar o vinho.

Os irmãos Quinn eram exemplos perfeitos da espécie individualmente. Enquanto grupo, decidira Dru, eram fantásticos. Podiam não ter o mesmo sangue, mas sem dúvida que eram fraternais — altos, magros, bonitos e, acima de tudo, másculos.

O quarteto em redor da enorme panela a fumerar exalava masculinidade, como outros homens exalariam um *aftershave* distinto. Ela não duvidava um segundo de que tinham consciência disso.

Eram aquilo que eram, pensava ela, e tinham bastante prazer nisso.

Como mulher, achava atraente aquela espécie de auto-satisfação inata. Respeitava a confiança e um bom e saudável ego. Quando se aproximou do fosso de tijolo onde coziavam os caranguejos, para lhes entregar, a pedido de Anna, quatro cervejas geladas, apanhou uma conversa no fim.

— A besta pensa que é a merda do Horatio Hornblower. — Dizia Cam.

— Mais parece o cabrão do Capitão Queed. — Sussurrado por Ethan.

— Pode ser quem quiser, desde que o dinheiro dele seja verde. — Exposto por Phillip, com um encolher de ombros. — Já construímos barcos para estúpidos como ele, e não vai ser a única vez.

— Um merdas é sempre... — Seth interrompeu-se ao ver Dru.

— Cavalheiros. — Nem sequer pestanejou. — Cerveja gelada para uma tarefa escaldante.

— Obrigado. — Phillip pegou nas cervejas. — Ouvi dizer que também já te refrescaste hoje.

— Sem esperar. — Aliviada das garrafas, levou o copo de vinho aos lábios e provou. — Mas prefiro este método à Super Ensopa 5000. — Ignorando Seth, olhou para Ethan. — Foram vocês que os apanharam? — Perguntou, gesticulando para a panela.

— Sim, eu e o Deke. — Ethan sorriu quando Seth pigarreou. — Le-

vámo-lo connosco para fazer de burro de carga, — contou a Dru. — Para ganhar calos nas mãos de cidade.

— Uns dias no estaleiro são capazes de o enrijecer, — especulou Cam.  
— Sempre foi um fracalhote.

— Só estás a tentar insultar-me para eu entrar no trabalho a meias.  
— Seth inclinou a cerveja para trás. — Vai sonhando.

— Fracalhote, — disse Phillip, — mas esperto. Sempre foste esperto.

— Gostava de passar por lá um dia, e ver o vosso trabalho.

Cam inclinou a cabeça na direcção de Dru. — Gostas de barcos, é?

— Gosto, sim.

— Podíamos dar um passeio, — convidou Seth.

Ela concedeu-lhe um olhar no limite do desprezo. — Vai sonhando,  
— sugeriu ela e afastou-se.

— Tem classe, — foi a opinião de Phillip.

— É boa rapariga, — disse Ethan, ao verificar a panela.

— Quente, — comentou Cam. — Muito quente mesmo.

— Se quiseres arrefecer, tenho muito gosto em te enfiar a Super Enso-  
pa 5000 pelo rabo acima, — disse Seth.

— Tens um fraquinho por ela? — Cam abanou a cabeça, num gesto  
de compaixão. — Parece-me que ela joga na primeira divisão, puto.

— Pois. — Seth bebeu mais cerveja. — Sou um grande fã de jogos  
amigáveis.

Phillip ficou a ver Seth afastar-se, e depois riu-se. — O nosso menino  
vai ter de gastar uma pipa de massa em flores nos próximos tempos.

— Aquele botãozinho tem umas belas pernadas, — afirmou Cam.

— Tem olhos cautelosos. — Ethan esboçou o tradicional encolher do  
ombro dos Quinn, enquanto Cam franzia o sobrolho para ele. — Dá conta  
de tudo, incluindo de Seth, mas vejam que é sempre com um pé atrás. Não  
por ser tímida... a rapariga não é tímida. É cautelosa.

— Está montada no dinheiro e na política. — Phillip olhava para a  
cerveja. — Obrigá a manter uma certa distância.

— S. Cris é um sítio engraçado para ela vir parar, não acham? — Na  
cabeça de Cam, era a família que nos forjava, a família que nos viu nascer  
ou a família que constituímos. Perguntava-se como é que a de Dru a teria  
forjado.

Ela não tivera intenção de ficar mais de uma hora. Uma hora cordial  
enquanto a roupa secava. Mas sem saber como, vira-se arrastada para  
uma conversa com Emily sobre Nova Iorque. E com Anna sobre jar-  
dinagem. Depois, sobre as amizades mútuas com Sybill e Phillip, de  
Washington.

A comida estava maravilhosa. Ao elogiar a salada de batata, Grace ofereceu-lhe a receita. Dru não sabia muito bem como anunciar que não sabia cozinhar.

Houve discussões — sobre basebol, roupa, jogos de vídeo. Não levou muito tempo a perceber que não passava de mais uma espécie de interação.

Os cães empoleiraram-se na mesa, mas foi ordenado que se afastassem com firmeza — normalmente depois de alguém enfiar comida às escondidas nalguma boca canina. A brisa soprava fresca sobre a água, enquanto seis conversas ecoavam em simultâneo.

Ela mantinha-se a par. Um treino precoce catalisara a sua capacidade de ter sempre algo a dizer a toda a gente, e a qualquer pessoa, num ambiente social. Podia tecer comentários sobre barcos e basebol, comida e música, arte e viagens, até mesmo quando a conversa e algo mais girava num turbilhão à sua volta.

Embalava um segundo copo de vinho e deixou-se ficar até muito mais tarde do que planeara. Não só por não conseguir encontrar uma forma delicada de sair. Mas porque gostava deles. Estava entretida e invejava a intimidade da família. Apesar de serem muitos e das diferenças óbvias, — as irmãs podiam ser mais diferentes do que Aubrey, de língua afiada e fã de desporto, e Emily, a bailarina à deriva? — estavam todos ligados por uma força tremenda.

Pareciam peças individuais de um puzzle enorme e arrojado, decidiu Dru. O puzzle familiar sempre a fascinara. Certamente que, para si, o seu ainda permanecia um mistério.

Por mais colorido e alegre que parecesse à superfície, Dru imaginava que o puzzle dos Quinn tivesse o seu punhado de sombras e complicações.

Era sempre assim com as famílias.

Tal como com os homens, pensava, virando a cabeça deliberadamente para encontrar o olhar letal de Seth. Ela tinha perfeita consciência de que ele a vinha a observar de forma incessante desde que se haviam sentado para comer. Oh, ele também era bom nas conversas cruzadas; tinha de reconhecer. E de vez em quando, prendia a atenção especialmente numa determinada pessoa. Mas o seu olhar, aquele olhar directo e de um azul-vívido, voltava sempre para ela.

Conseguia senti-lo, uma espécie de calor junto à pele.

Recusava-se a ficar intrigada. E decerto que também não se deixaria confundir.

— Aqui a luz da tarde é boa. — Com os olhos ainda em Dru, deu uma garfada na salada de massa. — Talvez possamos fazer um trabalho ao

ar livre. Tens alguma coisa parecida com uma saia comprida e rodada? Sem alças nem mangas, a mostrar os ombros. Uns belos ombros fortes, — acrescentou com outra garfada de massa. — Combinam com o rosto.

— Mas que sorte a minha, não achas? — Ela despachou-o com um breve aceno e virou-se para Sybill. — Gostei muito do teu último comentário, dos estudos e exemplos da dinâmica de famílias mistas. Imagino que devas ter baseado a pesquisa na tua própria experiência.

— É difícil conseguir um certo distanciamento. Podia estudar esta maralha nas próximas duas décadas que o material não se esgotava.

— Somos todos cobaias da mãe, — declarou Fiona, ao escolher, meticulosa, outro caranguejo. — É melhor pores-te a pau. Se começares a frequentar esta casa, o Seth desenha-te nua numa tela e a mãe analisa-te num livro.

— Oh, não me parece. — Aubrey gesticulava com a bebida. — Annie Crawford andou aqui a rondar durante meses e Seth nunca a pintou — nua ou vestida. Acho que a Sybill também nunca escreveu sobre ela, a não ser que me tenha escapado o estudo sobre a posição social de boazonas desmioladas.

— Ela não era desmiolada, — informou Seth.

— Chamava-te Sethie. Do tipo «Oh, Sethie, és mesmo um Miguel Dee Ângelo».

— Queres que comece a desbobinar sobre os tipos com quem andavas há uns anos? O Matt Fisher, por exemplo?

— Era nova e fútil.

— Pois, e agora és madura e ponderada. — Estava eu a dizer... — mudou outra vez o olhar fulminante para Dru — ...tens alguma coisa comprida e leve? Um pequeno top?

— Não.

— Depois tratamos disso.

Dru bebeu o resto do vinho, inclinando a cabeça ao de leve para mostrar interesse. — Alguma vez alguém se recusou a ser pintado por ti?

— Na verdade, não.

— Deixa-me ser a primeira.

— Ele vai fazê-lo à mesma, — informou Cam. — O putto tem uma cabeça dura como um tijolo.

— E esse comentário vem do homem mais flexível, sensato e acolhedor, — declarou Anna, ao levantar-se. — Alguém ainda tem espaço para a sobreimesa?

Tinham pois, apesar de Dru não perceber como. Declinou ofertas de bolos, tartes, mas perdeu a batalha por causa de um *brownie* com recheio duplo, que mordiscou antes de voltar a vestir a sua roupa.

Dobrou a camisola e os *jeans* emprestados, pousou-os em cima da cama, deu uma última olhadela ao quarto acolhedor e começou a descer as escadas.

Dru parou assim que chegou à porta da cozinha, ao ver Anna e Cam diante do lava-louça, entregues a um beijo bem mais tórrido do que esperava ver em pais de adolescentes.

— Vamos trancar-nos lá em cima, — Dru ouviu-o dizer, sem ter a certeza para onde olhar, quando viu as mãos de Cam deslizar para, num gesto possessivo, beliscar o traseiro da mulher. — Ninguém vai dar pela nossa falta.

— Disseste o mesmo depois do último jantar de Acção de Graças. — A sua voz era quente e divertida, assim que Anna enrolou os braços no pescoço de Cam. — Enganaste-te.

— O Phil só estava com inveja, por não ter pensado no mesmo primeiro.

— Depois, Quinn. Se te portares bem, pode até ser que te deixe... Oh, Dru.

Pelos sorrisos fáceis estampados no rosto, Dru concluiu que ela era a mais envergonhada dos três. — Desculpem. Queria agradecer a vossa hospitalidade. Foi uma tarde muito bem passada.

— Que bom. Então, vais voltar. Cam, avisa Seth que Dru está de saída, sim? — E raios a partissem se ela não lhe deu um beliscão no rabo antes de sair dos seus braços.

— Não se incomodem. Têm uma família fantástica, uma casa linda. Obrigada por me terem deixado partilhá-las hoje.

— Ainda bem que passaste por cá, — disse Anna, dando a Cam um sinal mudo, ao pousar o braço por cima dos ombros de Dru enquanto a acompanhava até à porta da rua.

— A chave. — Abanando a cabeça, Dru enfiou a mão na mala. — Esqueci-me completamente do motivo da minha visita. Importas-te de dar isto a Seth? Ele pode guardar o que quiser lá dentro, por enquanto. Mais tarde tratamos dos pormenores.

Anna ouviu bater a porta da cozinha. — Talvez seja melhor entregares-lha pessoalmente. E vê se voltas, — disse ela e depois deu a Dru um beijo rápido e casual na face.

— Estás a fugir? — Algo esbaforido, Seth apressava-se a apanhar Dru no alpendre da frente. — Porque é que não ficas? Aubrey vai organizar um jogo de *softball*.

— Tenho de ir para casa. A chave. — Estendeu-lha, mas ele apenas ficou a olhar para ela. — Da arrecadação? Para arrumação?

— Sim, sim. — Ele agarrou-a e enfiou-a no bolso. — Ouve, ainda é

cedo, mas se quiseres ir embora, podemos ir a algum lado. Dar um passeio de carro, ou isso.

— Tenho coisas a tratar. — Dirigiu-se para o carro.

— Para o segundo encontro, podemos tentar algo mais recatado.

Ela estacou, olhou para trás, fitando-o por cima do ombro. — Ainda nem tivemos o primeiro.

— Claro que tivemos. Caranguejos suados, tal como previsto. Para o segundo, podes escolher a ementa e o local.

Brincando com as chaves do carro na mão, virou-se de frente para ele. — Passei por cá para te dar a chave, fui bombardeada com uma pistola de água e deliciei-me com caranguejos mais a tua enorme família alargada. Nada fez disto um encontro.

— Mas isto sim.

Moveu-se com suavidade, tanta suavidade que ela nem se apercebeu. Se se tivesse apercebido, conseguia evadir-se. Ou talvez não. Mas não era essa a questão, sabendo que as mãos dele lhe cobriam os ombros e a boca quente e firme na dela.

Ergueu-a ao de leve. Inclinou a cabeça, só um pouco. Os lábios dele roçavam os dela — numa provocação sedutora — e as mãos navegavam pelo seu corpo, somando um golpe de calor inesperado.

Ela sentia a brisa massajar-lhe as faces e ouvia a música alta, assim que alguém colocou outra vez a aparelhagem em altos gritos. E quando a linha dura do corpo dele se pressionou de encontro ao dela, percebeu que fora ela a aproximar-se.

As contracções demoradas e líquidas no seu abdómen serviam de aviso, mas ainda assim percorria com os dedos aquele cabelo grosso, banhado pelo Sol, perdendo-se nas carícias.

Ele quisera *sugerir* um beijo, provocá-la para a ver sorrir ou franzir a testa, e assim ter o prazer de observar a expressão dominar-lhe o rosto.

Apenas tivera a intenção de deslizar na superfície, talvez até mostrar a ambos vislumbres do que estava além do óbvio. Mas quando ela se encostou a ele, abraçando-o, deixou-se afundar.

Para ele, as mulheres eram uma paleta de cores estonteante. Mãe, irmã, amante, amiga. Mas nunca nenhuma mulher o impressionara de forma tão penetrante. Queria deixar-se ir, mergulhar nela até ambos ficarem encharcados.

— Deixa-me ir para casa contigo, Drusilla. — Passou-lhe os lábios pela face, deslizando pelo pescoço, de novo subindo pela proeminência do seu queixo, até à boca. — Deixa que me deite contigo. Que fique contigo. Deixa-me tocar-te.

Ela abanou a cabeça. Não gostava de pressas, lembrava-se. Uma mu-



lher inteligente nunca virava uma esquina sem ver primeiro o mapa do percurso completo — e mesmo assim, só avançava com todas as cautelas.

— Não sou impulsiva, Seth. Não sou apressada. — Pousou as mãos nos ombros dele para o afastar, mas o seu olhar era directo. — Não me entrego a um homem só porque existe atracção.

— Ok. — Pressionou os lábios na testa dela antes de recuar. — Fica. Jogamos à bola, talvez possamos até ir velejar. Hoje não complicamos.

Com certos homens, a sugestão seria mais um esquema para tentar levá-la para a cama. Mas com ele, não sentiu isso. Era sincero no que dizia, concluiu ela. — Passado um tempo, posso até vir a gostar de ti.

— Estou a contar com isso.

— Mas não posso ficar. Deixei uma quantidade de coisas por fazer para vir aqui, e fiquei mais tempo do que devia.

— Nunca te baldaste à escola?

— Não.

Ele levou a mão à porta do carro antes que ela a conseguisse abrir, e o seu rosto revelou um choque sincero. — Nem uma vez?

— Lamento, mas não.

— Mas que certinha, — ponderou. — Sensual.

Ela teve de se rir. — Se tivesse dito que me baldava uma vez por semana, chamavas-me rebelde e dizias que *isso* é que era sensual.

— Apanhaste-me. E que tal jantar amanhã à noite?

— Não. — Ela acenou para que ele se afastasse da porta do carro. — Preciso de pensar. Não me quero interessar por ti.

— O que significa que estás.

Deslizou para trás do volante. — Significa que não quero estar. Se mudar de ideias, aviso-te. Volta para a tua família. Tens sorte em tê-los, — afirmou ela, e depois fechou a porta do carro.

Ele ficou a vê-la fazer marcha-atrás e depois afastar-se. Ainda tinha o sangue quente do beijo, e a sua mente estava tão cheia dela e das possibilidades para reparar no carro que aparecera na curva da estrada, junto às árvores, e que seguira atrás de Dru.